

## ALEGRIA

O cristianismo nos dá alegria,  
como o amor dá alegria.  
Mas, o amor é sempre  
uma renúncia a si mesmo...  
É sempre um Êxodo e, portanto,  
Também um sofrimento.  
A verdadeira alegria é  
Algo distinto do prazer;  
A alegria aumenta e amadurece sempre  
no sofrimento,  
em comunhão com a Cristo de Cristo  
Somente aqui  
nasce a verdadeira alegria da fé.

Bento XVI, 25 de julho de 2005

## Sumário março-abril de 2012

### Vida espiritual

- 82 Carta de 2 de fevereiro de 2012  
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 92 Quaresma 2012  
*A todos os membros da Família Vicentina*  
Padre Gregory Gay, Superior geral
- 98 Carta de 22 de março de 2012  
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 101 Conferência preparatória para a Renovação 2012  
*“O amor de Jesus Cristo crucificado nos impele”*  
Padre Patrick Griffin, Diretor geral
- 110 “Quatro amigos” para viver nossa Renovação  
Casa-Mãe, Conferência de 26 de março de 2012  
Padre Grégory Gay, Superior geral

## **Desafios atuais**

- 115 Província da América Central (Panamá)  
A caridade do Cristo nos impele a servir os órfãos  
A Comunidade do Lar “San Jose de Malambo”
- 118 Província da Austrália  
Uma nova comunidade para um novo serviço dos pobres  
Irmã Maggie Reynolds, Irmã Olive Mangan, Irmã Carole Jones,  
Filhas da Caridade

## **Atualidade das Províncias**

### **Nomeações**

- 121 Designação das Visitadoras e dos Diretores provinciais

### **Testemunho das Irmãs**

- 123 Província das Filipinas  
Sendong à Cagayan de Oro  
“Amar o mundo com o coração de Deus”  
Irmã Mary Ann Guevara, Filhas da Caridade

## **História da Companhia**

### **Fontes e atualidades**

- 126 Vicente de Paulo, Fundador  
Padre Jean Morin, cm

## **IRMÃ EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL**

### **CARTA DE 2 DE FEVEREIRO DE 2012**

Minhas queridas Irmãs,

Que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco!

No dia 12 de fevereiro passado, fui recebida por nosso Superior geral e tive a alegria de apresentar-lhe nossos pedidos de Renovação. Primeiro, fizemos uma volta ao mundo de maneira virtual, parando em cada Província da Companhia. Evocamos as alegrias e as penas do ano findo, as respostas corajosas da Companhia, através de cada uma de vocês, a perseguição religiosa, as catástrofes naturais, as novas pobreza. O Documento Interassembleias “Deixemo-nos transformar pelo Espírito” pareceu-nos ser um instrumento bastante adequado e atualmente, bem utilizado para a nossa formação contínua, em vista da missão.

Em seguida, expus ao Superior geral nosso desejo de continuar nossa caminhada com o Cristo, à maneira de São Vicente e Santa Luísa, bem como, a nossa lucidez diante das nossas faltas, nossas mediocridades e nossos medos.

O Padre Gregory nos concede a graça da Renovação para o próximo dia 26 de março, festa da Anunciação. Agradeço-lhe em nome de todas e, unida a cada uma, rendo graça por esta possibilidade que nos é oferecida de nos doarmos novamente a Deus, para o serviço do Cristo nos pobres:

*“Meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador, porque ele olhou para a humildade de sua serva”<sup>1</sup>.*

Para preparar esta Renovação, gostaria de pegar, como fio condutor, a virtude da caridade, relacionando-a aos Escritos dos nossos Fundadores, ao Documento Interassembleias, aos Documentos da Igreja e aos desafios de nossa vida quotidiana.

Na verdade, antes de encontrar-me com o Superior geral, meditei sobre o meu próprio pedido de Renovação, e o de todas, sob o ângulo da caridade. Talvez, estejam lembradas que fiz a reflexão em 2010 sobre a esperança e no ano passado sobre a fé.

Uma das missas votivas proposta pelo Missal, para *pedir a caridade*, começa com esta antífona: *“Tirar-vos-ei o coração de pedra, diz o Senhor, e dar-vos-ei um coração de carne. Colocarei em vós, meu Espírito... Vós sereis o meu povo e eu serei o vosso Deus”<sup>2</sup>.*

Esta promessa de Deus realizou-se na Encarnação de seu Filho e se realiza a cada vez que nos deixamos transformar pelo Espírito de Amor, que pedimos sua ajuda para saciar as sedes que sentimos: *“Sede de viver em comunhão mais profunda, com nossas Irmãs e em proximidade de vida e de coração, com as pessoas marginalizadas, sede de responder com uma caridade criativa, aos apelos dos pobres”<sup>3</sup>.*

Possa nossa renovação de 2012 permitir-nos um enraizamento mais profundo no amor e viver mais radicalmente a caridade, coração da nossa vocação!

São Vicente que foi declarado pelo Papa Leão XIII, patrono das obras da caridade e Santa Luísa, padroeira de todos os que se dedicam às obras sociais cristãs, pelo Papa João XXIII, traçaram-nos o caminho. Eles foram apóstolos da caridade e, movidos pelo Espírito Santo, seguiram fielmente a Jesus, *“Adorador do Pai, Servo do seu desígnio de Amor, Evangelizador dos pobres”<sup>4</sup>.* Tanto um, como outro nos pedem fidelidade ao nome que trazemos: *“Minhas Filhas, todas fostes escritas no livro da caridade quando vos destes a Deus para servir os pobres... Deveis, pois, viver em conformidade com o nome que tendes, pois que foi Deus quem deu o nome à Companhia... Conservai-o bem. Fazei todo o possível por terdes sempre a veste da caridade cujos sinais são o amor de Deus, do próximo e de suas Irmãs”<sup>5</sup>.*

*“... deveis ser fortes. Com efeito, desde que tendes o nome de Filhas da Caridade e sabeis que a verdadeira caridade tudo ama e tudo suporta - até as contradições e repugnâncias mais difíceis - espero que todas vós a praticareis desse modo”<sup>6</sup>.*

Portanto, reflitamos juntas sobre este belo nome que temos, sobre a necessidade de sermos *fortes*, segundo a expressão marcante de Santa Luísa.

Veremos, sucessivamente **a caridade como dom e promessa de Deus aos homens** e sua relação com a justiça e a verdade, em seguida, num segundo ponto, a **caridade comunhão** e seu testemunho profético.

## **1. A CARIDADE, DOM E PROMESSA DE DEUS AOS HOMENS**

Como disse o Papa Bento XVI, em sua Encíclica *Caritas in veritate*, a caridade é dom de Deus aos homens, sua promessa e nossa esperança<sup>7</sup>.

A caridade, fruto do Espírito Santo, é o amor do Pai e do Filho. Foi Nosso Senhor Jesus Cristo que nos revelou este *“mistério inacessível à razão sozinha”<sup>8</sup>*, que é a vida íntima de Deus Pai, Filho e Espírito Santo. São João a expressou de uma forma magnífica: *“Deus é amor”<sup>9</sup>.*

A caridade, explica o Papa Bento XVI, não significa antes de tudo, um ato ou um sentimento de bondade, mas o dom espiritual, amor de Deus que o Espírito Santo infunde no coração humano e que o leva a doar-se, por sua vez, ao próprio Deus e ao próximo<sup>10</sup>. O mandamento do amor não se trata de “*um ‘mandamento’ que do exterior nos impõe o impossível, mas de uma experiência do amor proporcionado do interior, um amor que, por sua natureza, deve ser ulteriormente comunicado aos outros. O amor cresce através do amor*”<sup>11</sup>.

A caridade não consiste somente em dar, ela é disponibilidade para receber. A caridade é o grande motor que dinamiza e dá sentido à nossa ação.

*“Amor e verdade se encontram, justiça e paz se abraçam”*<sup>12</sup>.

**A caridade implica a justiça** de tal maneira que, não é possível viver a caridade à margem da justiça. Sem a justiça, a caridade seria uma manipulação: “*Quem ama os outros com caridade é, antes de mais nada, justo para com eles*”<sup>13</sup>.

Assim, várias Províncias participam ativamente de Comissões diocesanas Justiça e Paz<sup>14</sup> para fazer avançar o reino da verdadeira caridade. Trata-se de “*ousar tomadas de posição proféticas*”<sup>15</sup> diante das situações de violação dos direitos humanos, de flagrantes desigualdades ou de vergonhosa exploração; de se fazer próximo daqueles e daquelas que vivem em condições indignas de todo ser humano. Dou graças por todas estas ações realizadas, muitas vezes, em colaboração com outras organizações. Acrescentemos a tudo isso, os socorros urgentes e o ministério da escuta e do acompanhamento oferecido por muitas Irmãs, as vezes, de idade bem avançada, a todos aqueles e aquelas que são marginalizados.

Também é necessário **unir a caridade à verdade e a verdade à caridade**. Este é o objetivo da doutrina social da Igreja que, anuncia contra ventos e mares, a verdade do amor do Cristo e, portanto, denuncia os escândalos sócioeconômicos que prejudicam nossas sociedades.

Com efeito, a caridade vai além da ajuda social e não pode parar aí; ela não se reduz a um trabalho de promoção humana. A caridade expressa a vocação da Igreja, enviada para anunciar a boa nova aos pobres. A caridade é uma confissão de fé. “*O amor - caritas - será sempre necessário, mesmo na sociedade mais justa*”<sup>16</sup>.

As Filhas da Caridade não são profissionais da ação social, mas *filhas fortes*, bem engajadas em favor dos pobres. Na verdade, o serviço de uma Filha da Caridade é visão de fé e ato de amor<sup>17</sup>, um encontro com Jesus Cristo presente nos pobres: “*Em verdade, eu vos declaro: todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos, mais pequeninos, foi a mim que o fizestes*”<sup>18</sup>. A parábola do julgamento final, a mais comentada por São Vicente, foi sua fonte de inspiração. Ela contém a chave da mística vicentina do serviço que conduz a reconhecer, contemplar, amar e servir a Cristo no pobre<sup>19</sup>. O Deus invisível deseja fazer-se visível no pobre para que todo homem possa reconhecê-lo e amá-lo<sup>20</sup>.

São Vicente gostava de lembrar às Irmãs e utilizava expressões concretas, verdadeiros florilégios vicentinos, impregnados de sabedoria evangélica: “*Servis a Jesus Cristo na pessoa dos pobres. E isto é tão verdade como estarmos aqui... Uma Irmã poderá ir dez vezes por dia visitar os doentes e dez vezes por dia encontrará a Deus*”<sup>21</sup>. “*No doente é realmente Nosso Senhor a ser servido...*”<sup>22</sup>. “*Os pobres são os nossos amos, são os reis, devemos-lhes obediência. Não é exagero dar-lhes este nome, porque Nosso Senhor está nos Pobres*”<sup>23</sup>.

Conduzida pelo Espírito Santo, Santa Luísa mantinha viva a chama da Caridade do Cristo, ela animava e motivava as Irmãs a viver a mística do serviço: “*Sede muito afáveis e bondosas com vossos pobres. Sabeis que são nossos mestres, a quem devemos amar com ternura e respeitar profundamente*”<sup>24</sup>.

Estamos vivendo a caridade como um dom de Deus?

Estamos praticando-a na justiça e na verdade?

## 2. A CARIDADE COMUNHÃO

Os Fundadores viram na vida fraterna “*um dos sustentáculos essenciais da vocação das Filhas da Caridade*”<sup>25</sup>. A comunidade das Filhas da Caridade é uma realidade de fé que se constitui sobre a fundação sólida do chamado do Senhor. São Vicente e Santa Luísa estimulavam as Irmãs a viver em caridade, união e harmonia entre elas, a exemplo da Santíssima Trindade, pois, o paraíso não poderia aí existir, sem esta divina união<sup>26</sup>. O documento Interassembleias, convida-nos igualmente a “*desenvolver o bem viver juntas*” e nos oferece pistas muito concretas.

A mensagem de Jesus “*Nisto todos reconhecerão que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns para com os outros*”<sup>27</sup>, colore todas as páginas do Evangelho, fundamenta o valor e a necessidade do amor fraterno, do “*bem viver juntas*” e ao mesmo tempo, autentifica a identidade dos seus discípulos.

À luz da mensagem evangélica, sob o impulso do Espírito, nasce um estilo de vida marcado por uma grande corrente do amor fraterno, como lemos nos Atos dos Apóstolos e que São Paulo descreve assim: “*o amor é paciente, o amor é prestativo... não procura o seu próprio interesse, não se irrita... tudo desculpa... tudo suporta; o amor jamais passará*”<sup>28</sup>.

*Bem viver juntas* é atualmente um desafio, um apelo à uma vida fraterna que irradia paz, alegria e esperança. A união dos corações multiplica as forças, redobra as energias, dá asas.

*Bem viver juntas* supõe uma intensa vida de fé que se alimenta na vida sacramental, mais especialmente na Eucaristia, na oração, na escuta e no acolhimento da Palavra. Uma fé que se enriquece quando se partilha a experiência pessoal e que é mistério de comunhão e de relação. A reflexão apostólica, a caridade espiritual e a correção fraterna são meios excelentes, assim como as diferentes partilhas comunitárias<sup>29</sup>, para crescer nesta consciência comunitária.

Para *bem viver juntas*, somos convidadas a “*aprofundar uma espiritualidade de comunhão entre nós, para construir Comunidades onde se vivem relações de confiança e de afeição*”<sup>30</sup> e a viver a vida fraterna de tal modo que ela seja profecia do amor e caminho de esperança. Esta espiritualidade de comunhão conduz igualmente a ver o positivo de cada pessoa, a acolhê-la e valorizá-la como um dom, e a carregar com amor os fardos dos outros<sup>31</sup>.

*Bem viver juntas* nos conduzirá a sermos *profecia do amor e caminho de esperança, promovendo a comunhão fraterna*. Em uma sociedade marcada por divisões e fronteiras, somos chamadas a sermos criadoras da harmonia e da paz, a enfrentar situações difíceis e a superar os pequenos conflitos; chamadas a construir pontes que nos aproximam das pessoas, a trabalhar pela reconciliação, o perdão.

*Ser profecia do amor e caminho da esperança, convidando outros para beber na fonte da caridade*. Num mundo que sofre as consequências de um distanciamento de Deus, a força do amor pode mudar e transformar a vida humana. O amor é fermento de fraternidade, veículo de comunhão, semente de esperança. Somos chamadas a comunicar a alegria da fé, a fazer descobrir a mensagem do Evangelho e a beleza do carisma aos jovens que procuram dar sentido às suas vidas.

*Ser profecia do amor e caminho de esperança, desbravando novos caminhos de serviço aos pobres*. Em uma sociedade oprimida, esmagada pela crise que a atravessa e desestabiliza, somos chamadas a aguçar o nosso olhar para detectar onde se encontram as feridas mais profundas, os locais de maior desumanização; chamadas a gerir os recursos da terra com um sentido profundo de justiça e de solidariedade.

A graça da Renovação nos dará um novo impulso para ser profecia do amor e caminho de esperança, firmemente ancoradas no amor e na fidelidade do Senhor que permanecem para sempre. As horas que precederam a Páscoa ficaram profundamente gravadas no coração e na memória dos discípulos de Jesus. O Evangelho de João conserva os detalhes desta cena da despedida do Senhor, com a instituição da Eucaristia e o mandamento do amor. Jesus quer fortificar a fé dos seus e encorajá-los a amar como Ele amou e a permanecer em seu amor<sup>32</sup>. A palavra permanecer sugere muito, evoca a fidelidade perseverante, a continuidade ativa e a lealdade incondicional

“*Permanecer no amor*”, é um apelo para renovar e atualizar nosso dom através dos votos de castidade, pobreza, e obediência que nos tornam “*disponíveis à finalidade da Companhia: o serviço de Cristo nos pobres*”<sup>33</sup>.

*Permaneçamos no Amor, acolhendo “a castidade como um dom que liberta o coração, dilatando-o segundo as dimensões do coração de Jesus Cristo”*<sup>34</sup>. No contexto social de permissividade que favorece a superficialidade, sentimo-nos interpeladas a testemunhar a beleza da castidade, como expressão de um coração sem fronteiras *que ama os pobres* e cada pessoa numa atitude de disponibilidade alegre.

*Permaneçamos no Amor*; felizes por não ter outro tesouro senão Ele, dando-Lhe graças e comprometendo-nos com o voto de pobreza à uma total dependência no uso e na disposição dos bens da Companhia, assim como no uso dos bens pessoais<sup>35</sup>. Num contexto social que proclama o dinheiro como absoluto, sentimo-nos interpeladas a amar a pobreza e a levar uma vida sóbria, expressão de que Deus é a única riqueza que permanece.

*Permaneçamos no Amor, oferecendo a Deus nossa liberdade*, comprometendo-nos, de acordo com o voto de obediência, a obedecer aos nossos Superiores, segundo as Constituições e Estatutos<sup>36</sup>. Num ambiente social marcado pelo individualismo, subjetivismo, indignação revoltada, sentimo-nos interpeladas a amar a vontade de Deus, deixando-nos conduzir pelas mediações através das quais Ele age.

Nossa vida comunitária reflete um « bem viver juntas, profecia do amor e sinal de esperança?

De que maneira a renovação dos nossos votos pode ser uma resposta ao apelo para permanecer em seu amor?

**Conclusão:** “*Fazei tudo com amor*”<sup>37</sup>.

*Façamos tudo com amor*; a pedagogia da caridade encontra sua inspiração no Bom Samaritano que vê o homem quase morto... sensibiliza-se, deixa-se interpelar, vai além do sentimento interior e imediatamente passa à ação, limpa suas feridas, coloca-o em seu próprio animal e o leva para uma pensão. Além disso, solicita a colaboração de outros, para que os cuidados continuem<sup>38</sup>. Também para nós, a caridade afetiva culmina na caridade efetiva que comporta sempre uma atitude, a de servir, e numa relação vivida na gratuidade. Trata-se de servir os pobres de maneira personalizada: escutá-los, dar-lhes tempo, acompanhá-los em sua solidão, saber colaborar com humildade.

*Façamos tudo com amor*, como muitas Irmãs que nos precederam e que testemunharam a caridade do Cristo, desde Margarida Naseau, Joana Dalmagne, Santa Catarina Labouré e tantas outras Irmãs, vítimas do seu engajamento em tempo de epidemias, guerras, catástrofes, etc., que no anonimato, foram verdadeiras mártires da caridade. Sua fidelidade no dom até o fim é o melhor fruto da caridade.

Numa recente biografia consagrada à Irmã Rosalie, conta que nossa bem-aventurada era frequentemente questionada sobre os motivos de sua incansável caridade, sobre as razões que a impulsionavam a prestar serviço a todos, sem olhar as afiliações políticas ao que, cada vez, ela se limitava a responder: “*Sou uma Filha da Caridade e somente isso*”<sup>39</sup>.

*Façamos tudo com amor*; o contato vivo e vivificante com o Cristo sofredor e crucificado em seus irmãos, os pobres, e nossa identificação com Ele, são o princípio e a fonte de nossa ação. Rezemos por boas e

sólidas vocações, de *filhas fortes* que vêm doar-se a Deus para “*ser servas do Cristo nos pobres e dos pobres em Cristo, em espírito de humildade, simplicidade e caridade*”<sup>40</sup>.

*Façamos tudo com amor* e preparemos o ano da fé, que terá início no dia 11 de outubro próximo, meditando sobre o nome que trazemos, sobre o testemunho da caridade que os pobres e todos aqueles que nos rodeiam estão no direito de esperar de nós, para que, através do nosso serviço, seja manifestado o Deus Amor.

Unidas a toda a Companhia, qualquer que seja a nossa idade de vocação, nosso tipo e local de serviço, rezemos, diariamente, pelo dom da Caridade : “*Deus eterno e todo-poderoso, autor da caridade de São Vicente e Santa Luísa, escutai a nossa prece e dai-nos o vosso Amor, disponde-nos a reconhecer e servir Jesus Cristo, em nossos irmãos, os pobres e infelizes. À sua escola, ensinai-nos a amar com o suor de nossas frentes e a força de nossos braços, na humildade, simplicidade, caridade...*”. Peçamos por intercessão da Virgem Maria, Estrela da evangelização, para proclamar, em todo o nosso ser, as maravilhas de Deus.

*“Atualmente permanecem estas três: a fé, a esperança e a caridade; porém, a maior delas é a caridade”*<sup>41</sup>.

Ao Padre Gregory, transmiti nosso profundo agradecimento por sua animação missionária e o seu dinamismo. Expressei, igualmente, ao Padre Patrick nossa gratidão por seu sábio e zeloso acompanhamento. Com todas, saúdo também, com uma respeitosa e afetuosa gratidão ao Padre McCullen, o Padre Maloney, o Padre Quintano, o Padre Javier, e evidentemente, Mère Duzan e Mère Elizondo das quais nos sentimos tão próximas.

Com minha afetuosa dedicação e a certeza de minha oração na intenção de cada uma,

Irmã Evelyne Franc  
Filha da Caridade

#### Notas:

<sup>1</sup> Lc 1, 47-48.

<sup>2</sup> Ez 36, 26-28.

<sup>3</sup> Documento Interassembleias, pág. 7.

<sup>4</sup> Constituições 8a.

<sup>5</sup> São Vicente, Conferência de 4 de março de 1658, sobre a caridade mútua e o dever da reconciliação, pág. 762.

<sup>6</sup> Santa Luísa de Marillac, Carta à Irmã Joana Lepintre, agosto de 1648, Correspondências e Escritos, pág. 288

<sup>7</sup> Cf. Caritas in veritate, n° 2.

<sup>8</sup> Catecismo da Igreja Católica, n° 237.

<sup>9</sup> 1 Jo 4, 16.

<sup>10</sup>Cf. Bento XVI, Angelus de 25 de setembro de 2005.

<sup>11</sup> Deus caritas est, n.18.

<sup>12</sup> SI 85, 11.

<sup>13</sup> Caritas in veritate n. 6.

<sup>14</sup> Cf. Constituição, 24e.

<sup>15</sup> Documento Interassembleias, pág. 13.

<sup>16</sup> Deus caritas est, n° 28b

<sup>17</sup> Cf. Constituição, 16b.

<sup>18</sup> Mt 25, 40.

<sup>19</sup> Cf. Constituição 10a.

<sup>20</sup> Cf. 1 Jo 4, 20.

<sup>21</sup> São Vicente, conferência de 13 de fevereiro de 1646, sobre o amor da Vocação e assistência aos pobres, pág. 170

<sup>22</sup> São Vicente, conferência de 11 de novembro de 1657, sobre o cuidado dos doentes e da própria saúde, pág. 676.

<sup>23</sup> São Vicente, conferência de 25 de novembro de 1658, sobre o emprego do dia, pág.845

<sup>24</sup> Santa Luísa de Marillac, Carta à Irmã Cecília Inês. 4 de Maio de 1650, Correspondências e Escritos, pág. 365.

<sup>25</sup> Constituição 9.

<sup>26</sup> Cf. São Vicente, conferência de 2 de Dezembro de 1657, sobre a obediência, pág. 706.

<sup>27</sup> Jo 13, 35.

<sup>28</sup> 1 Cor 13, 4-8.

<sup>29</sup> Cf. Documento Interassembleias, pág. 21 e seguintes

<sup>30</sup> Documento Interassembleias, pág.11.

<sup>31</sup> Cf. Novo millennio ineunte, 43-45.

<sup>32</sup> Cf. Jo 15, 9-17.

<sup>33</sup> Constituição 8b.

<sup>34</sup> Constituição 29a.

<sup>35</sup> Cf. Constituição 30a.

<sup>36</sup> Cf. Constituição 31a.

<sup>37</sup> 1 Cor 16 ,14.

<sup>38</sup> Cf. Lc 10, 25-37.

<sup>39</sup> Irmã Louise Sullivan, Irmã Rosalie, Uma paixão pelos pobres, pág. 275.

<sup>40</sup> C. 50.

<sup>41</sup> 1 Co 13, 13.

## **PADRE GREGORY GAY, SUPERIOR GERAL**

### **QUARESMA 2012**

A todos os membros da Família Vicentina

***“Fizeste-nos para ti e inquieto está nosso coração, enquanto não repousa em ti”*** (Santo Agostinho de Hipona)

Queridos Irmãos e Irmãs,

Que a graça e a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo preencha vossos corações agora e sempre!

Vivemos num mundo cheio de turbulências. Nos deparamos com as exigências da vida num ritmo frenético e trepidante. Devido as realidades de guerra, pobreza, terrorismo, instabilidades políticas, catástrofes econômicas e ecológicas, somos um povo exausto para a vida. Nossos sentimentos assemelham-se aos do salmista: *“Até quando, Senhor, por quanto tempo ainda desviareis de mim a vossa face?”* (Sl 13,1).

Em meio a estes desafios, a Igreja nos oferece um precioso presente: o tempo da Quaresma. É um espaço sagrado, um tempo que nos convida a parar, a nos afastar da rotina quotidiana para buscar em profundidade, na história de nossa salvação em Jesus: sua vida, sua paixão e ressurreição. Em outras palavras, a Quaresma é um período sabático para a alma.

Como pessoas cativadas por Cristo e engajadas no carisma de São Vicente de Paulo, a Quaresma pode nos ajudar a viver melhor nossa fé católica à maneira vicentina. Como Vicente, nossa identidade enraíza-se no Cristo. Uma das leituras do primeiro domingo da Quaresma nos diz que Jesus *“morreu, uma vez por todas, pelos nossos pecados, o Justo, pelos injustos, a fim de nos conduzir a Deus”* (1Pd 3, 18). Estes quarenta dias de Quaresma não são apenas um tempo de oração, de penitência e de esmola, mas também, um tempo para a reflexão, a relação e a ação.

#### **UM TEMPO PARA A REFLEXÃO**

Os Evangelhos dos domingos da Quaresma dão-nos uma ampla matéria para reflexão, porque nos revelam a pessoa e a autoridade de Jesus. Jesus é visto como um místico voltando do deserto, o Messias transfigurado diante dos apóstolos, um profeta impulsionado a denunciar a injustiça no interior do templo, um mestre cheio de sabedoria disposto a dialogar com um Fariseu, e um servo sofredor pronto a glorificar a Deus, abraçando sua Paixão. Nestes Evangelhos, e nas leituras para a Eucaristia de cada dia, durante esta Quaresma, encontram-se os relatos do amor e da misericórdia de Deus por Israel, as palavras e os atos de Jesus que proclamam o Reino de Deus.

Rezando com as leituras da Quaresma e participando da Eucaristia, abrimo-nos à grande misericórdia de Deus, manifestada na vida, morte e ressurreição de Jesus. Isto foi a razão do zelo de Vicente de Paulo em meditar a vida e os ensinamentos de Jesus e seu entusiasmo para integrá-los em sua própria vida, fazendo dele um “místico da Caridade”. Vicente estava impregnado do desejo de servir os pobres, impulsionando e responsabilizando outras pessoas para fazerem o mesmo. Mas, o que alimentava sua alma inquieta, não eram as ideias nem os sucessos, mas um espírito e um coração que se entregavam à reflexão e a contemplação:

*“Não podemos melhor assegurar nossa felicidade eterna, do que vivendo e morrendo no serviço dos pobres, entre os braços da Providência e numa renúncia total de nós mesmos, para seguir Jesus Cristo”* (São Vicente, Coste III, pág. 392, Carta 1078 à Jean Barreau, em 4 de dezembro de 1648).

A conversão pessoal de Vicente adaptando-se aos ensinamentos de Jesus e fundar comunidades e organizações para servir os pobres foi o fruto de uma vida consagrada à oração e à reflexão. Dedicando tempo à

reflexão, somos como os anciãos gregos que perguntaram ao apóstolo Filipe: “*Senhor, queremos ver Jesus*” (Jo 12,21); e a vida de Vicente nos ensina que Deus jamais recusa um convite para se comunicar conosco. A Quaresma é o tempo que nos é dado para agir assim.

## UM TEMPO PARA A RELAÇÃO

O fruto do tempo dedicado a refletir e a rezar é uma relação mais profunda com Deus, consigo, com o próximo e com os pobres. Num mundo agitado, marcado pela discórdia e a desunião, a Quaresma nos ajuda a aprofundar nosso ser de discípulos com o Cristo e a melhor viver o nosso carisma vicentino. Podemos aprender muito com Vicente, cuja genialidade para colocar as pessoas em relação, em vista do bem comum, perdura até hoje. Os Evangelhos da Quaresma apresentam Jesus como Aquele que realiza sempre com fervor, a vontade do Pai. Através de sua oração e sua paixão, Jesus estava sempre unido à Deus.

Há alguns anos, uma publicidade popular dos Estados Unidos utilizou como slogan “*Estamos todos conectados*”. Para a atual era digital, este refrão é ainda mais relevante. Nossa fé e nosso carisma nos impelem a nos dedicarmos à prática dos mandamentos de Jesus: amar a Deus e a servir nosso próximo com maior profundidade. A Quaresma nos chama a discernir mais claramente a presença do Cristo sofredor em nosso mundo para que possamos compreender a miséria dos pobres e ser para eles o Cristo. Como Superior geral, tenho o privilégio de visitar a Família Vicentina no mundo inteiro e de testemunhar a maneira como nosso carisma une os pobres ao Cristo. Permitam-me partilhar dois destes encontros. Ambos são serviços coordenados pelas Filhas da Caridade servindo à crianças vulneráveis e em situação de risco que vivem na pobreza.

Por ocasião de uma visita ao Haiti para ver o progresso do nosso Projeto Zafen, visitei uma escola que as Filhas da Caridade abriram para responder à miséria das *crianças Restavek*. É verdadeiramente uma situação trágica: entre 175.000 a 300.000 dessas crianças vêm de famílias que não podem sustentá-las, e as enviam para trabalhar como domésticas para membros de sua família, de conhecidos ou outras famílias haitianas. Apelidadas de “*Restaveks*” (do Crioulo -“ficar com”), sua vida não é nada fácil, elas não são consideradas como “parte da família” que servem. Frequentemente maltratadas e vítimas de abusos, as Restaveks não podem ser escolarizadas e faltam-lhes alimentação, roupas e assistência. Na escola das Restaveks mantida pelas Filhas da Caridade, elas aprendem a ler e a escrever, são alimentadas e tratadas com uma atenção, um respeito e uma dignidade que jamais conheceram. Para obter mais informações sobre as *crianças Restaveks*, acesse o site: <http://www.restavekfreedom.org>

Em Gana, como em muitos países em desenvolvimento, a exploração de crianças está sempre presente. Em Kumasi, a segunda maior cidade do país, numerosas crianças sem abrigo vivem na rua e sobrevivem da mendicância e do trabalho durante o dia. Muitas vezes espancadas e maltratadas, tornam-se com frequência vítimas do tráfico humano. As Filhas da Caridade, com o Arcebispo de Kumasi, fundaram o “Projeto crianças de rua”, um centro de acolhimento que proporciona durante o dia, uma trégua diante dos perigos da rua. Oferece-lhes um lugar para repousar (embora seja apenas um espaço no chão), com a possibilidade de tomar banho, lavar a roupa, seguir um curso de alfabetização, beneficiar-se dos serviços de acompanhamento e oferecer outras possibilidades a estas crianças. É um lugar tranquilo na rudeza de uma vida de exploração. Para maiores informações sobre esta obra, acesse ao site: <http://www.streetchildrenprojectksi.org>

Acredito que concordam que estas duas obras vicentinas seriam queridas ao coração de São Vicente e de Santa Luísa e lhes estariam bem próxima. Representam um exemplo maravilhoso dos esforços empreendidos nestes locais para responder pela Boa Nova de Jesus, ao clamor dos pobres e dos esquecidos. A Quaresma é um tempo não somente para meditar sobre a vida de Jesus, mas para estar em relação com os pobres de Deus e de agir em seu nome.

## UM TEMPO PARA A AÇÃO

“O que devemos fazer?” Essa foi a questão que Madame de Gondi fez a Vicente em 1617 quando ambos foram testemunhas da miséria espiritual dos camponeses de sua vasta propriedade familiar. A resposta de Vicente à esta questão continua ainda hoje no mundo, através dos padres, Irmãos, Irmãs e leigos que são o coração vivo e

constitutivo da Família Vicentina. A nossa realidade mundial tem um impacto muito maior que aquele que Vicente e Luísa jamais puderam imaginar.

Mas, o tempo da Quaresma nos lembra que o Cristo sofredor em sua paixão está presente em nosso mundo de inúmeras maneiras. Como discípulos de Jesus, nossa tarefa consiste em agir em seu nome: *“Toda as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes” (Mt 25, 40)*. Como portadores do carisma vicentino é nossa tarefa responder com amor e com o serviço, tanto pessoal como coletivamente. Mesmo que estejamos sempre ocupados com muito trabalho, permitam-me sugerir um outro gênero de ação.

Em nossa última Assembleia geral, a Congregação da Missão adotou um plano estratégico quinquenal com objetivos anuais para melhor viver nossa vocação vicentina e o carisma da Família Vicentina. O objetivo sobre o qual centramos nossa atenção este ano é “a mudança sistêmica”, que definimos pelo fato de trabalhar não somente para melhorar as condições de vida dos pobres, mas a mudar as estruturas da sociedade que geram a pobreza. Para encorajar nossos coirmãos a se integrarem na mudança sistêmica em suas províncias e serviços, estratégias são sugeridas. Se algumas são especificamente da Comunidade dos Lazaristas, partilharei várias estratégias que podem ser utilizadas, assim acredito, por outros ramos da Família Vicentina:

- *Favorecer atividades que promovem mudanças sistêmicas na sociedade: desenvolver o autogoverno local, formação de grupos de ajuda, programas de microcréditos locais.*
- *Proporcionar assistência jurídica para a defesa dos Pobres e a promoção da justiça.*
- *Criar programas que impeçam o tráfico de pessoas e que assegurem a promoção da vida, o acesso universal à ajuda social, a proteção do meio ambiente, a dignidade das mulheres e das crianças, os direitos do migrantes e a participação na sociedade.*

Estas estratégias de “mudança sistêmica” extraídas do plano da Congregação oferecem-lhes uma grande diversidade de ideias para agir. A mudança sistêmica é um objetivo importante para a Família Vicentina. Acredito que todos nós podemos encontrar meios para adaptá-la às nossas obras e formar a outros sobre sua importância.

Durante a Quaresma e ao longo de todo este ano, temos a oportunidade de crescer na fé meditando a Palavra de Deus e participando da Eucaristia que aprofunda os laços que nos unem ao serviço dos pobres. É uma tarefa que pode nos intimidar, mas como membros da Família Vicentina, nossa “mística da caridade” inspira-nos para lembrar a quem servimos e porquê:

*“Peço a Nosso Senhor, que possamos morrer para nós mesmos para ressuscitar com Ele, que Ele seja a alegria de vosso coração, o fim e a alma de vossas ações e vossa glória no céu. Assim o será, se de agora em diante, nos humilharmos como Ele se humilhou, se renunciarmos a nossas próprias satisfações para seguir-Lo, carregando nossas pequenas cruces, e se entregarmos de bom grado nossa vida, como Ele doou a sua, por nosso próximo, que Ele tanto ama e quer que o amemos como a nós mesmos” (São Vicente, Coste III, pág. 629, Carta 1202 à um padre da missão da casa de Saintes, em 27 de março de 1650).*

Nosso mundo agitado e a miséria das crianças Restavek e de Kumasi podem, às vezes, nos parecer esmagadores; contudo, nossa fé em Jesus e o carisma vicentino renovam a força e a confiança para enfrentar o futuro com esperança. Por intercessão de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, peço para que esta Quaresma seja um tempo onde a graça e a bondade de Deus sejam manifestadas, com toda a sua plenitude em nossa vida e na de todas as pessoas que servimos.

Seu Irmão em São Vicente,

G. Gregory Gay, C.M.  
Superior geral

## IRMÃ EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL

### CARTA DE 22 DE MARÇO DE 2012

Minhas queridas Irmãs,

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco!

Antes da festa da Anunciação, conforme as disposições tomadas nas nossas Comunidades locais, vamos todas participar de um dia de retiro, a fim de nos preparar para a Renovação de nossos votos; posso pedir-lhes para rezar particularmente nesta ocasião pelas Irmãs que estão enfrentando situações muito delicadas?

Não duvidem que a lista é longa...

- as Irmãs na Líbia que, graças a Deus, puderam retornar a este país, após tê-lo deixado durante alguns meses,

- aquelas das Filipinas que servem nos acampamentos reagrupando os sobreviventes do tornado que atingiu, pouco antes do Natal, Cagayan de Oro e Iligan City, no norte da Ilha de Mindanao,

- as Irmãs da Nigéria que tiveram igualmente de se afastar algumas semanas de sua Comunidade de Kano, no norte do país, por causa dos atentados contra os cristãos,

- as Irmãs da Província do Congo que tentam ir ao encontro das vítimas da explosão que fez diversas centenas de mortos e milhares de feridos e sem abrigos em Brazzaville...

Estas Irmãs precisam do suporte de nossas orações para continuar corajosamente os serviços que elas efetuam em condições de extrema dificuldade.

Permitam-me desenvolver um pouco mais sobre o desafio colocado atualmente às Irmãs que vivem na Síria. Este país com o Egito, o Irã, o Líbano e a Terra Santa, faz parte da Província do Próximo-Oriente e conta com três Comunidades locais. Duas estão situadas em Damas:

- a Casa São José, aberta em 1854, onde quatro Irmãs sírias servem em uma escola com mais de oitocentos alunos, animam grupos da Família vicentina e participam na acolhida dos refugiados iraquianos em Zabadani,

- o Hospital São Luís foi fundado em 1905. Uma Comunidade de seis Irmãs (quatro libanesas, uma egípcia e uma francesa) aí está a serviço dos doentes deste estabelecimento que comporta 100 leitos,

- a terceira Comunidade é mais recente, ela data de 2007 e está localizada ao nordeste do país, perto do rio Khabour (um afluente do Eufrates), próximo das fronteiras com o Iraque e a Turquia. Uma Irmã síria, uma iraniana e uma libanesa se ocupam da pastoral de vários lugarejos, da formação cristã das crianças, dos jovens e de seus familiares; elas dirigem igualmente um jardim de infância. Uma vocação, aliás, já surgiu de Tall Arbouche.

As Irmãs destas três Comunidades prestam seus serviços com serenidade e se esforçam para ser testemunhas de paz, de unidade e de solidariedade em um país assolado pela violência. Elas não podem se comunicar facilmente e elas se confiam às suas orações.

São Vicente, na conferência de 22 de outubro de 1650, “Às Irmãs enviadas para a Província” (IX, 349), comenta as virtudes que devem possuir as Filhas da Caridade... ele começa pela humildade, depois a caridade, em terceiro lugar ele evoca o suporte mútuo.

No final desta conferência que, segundo uma nota de Irmã Julienne Loret, parece se endereçar a vários grupos de Irmãs, São Vicente lhes recomenda a fidelidade a Deus no seu serviço. Ele evoca o cuidado dos agonizantes e o das alunas, depois ele lembra as Irmãs a originalidade de sua vocação: “*Se ele (o Bispo) lhe pergunta: “Fazeis voto de religião?” Respondei-lhe: “Oh! Não, Senhor, consagramo-nos a Deus para viver na pobreza, castidade e obediência”.*”

Em seguida, São Vicente continua: “*Entregai-vos devidamente a Deus para fazerdes bem o que ides fazer. Pedi-Lhe o Espírito de seu Filho, a fim de fazerdes as vossas ações como Ele fez as Suas*”.

Rendamos graças pela fidelidade das Irmãs que preparam sua Renovação nestas situações de crise e rezemos para que nosso cotidiano comum não enfraqueça a qualidade de nossa doação a Deus. Boa e santa festa da Anunciação, na alegria de nosso novo Sim e ação de graças por nossa vocação de Filhas da Caridade.

Com minha dedicada afeição e a certeza de minha oração,

Irmã Evelyne Franc  
Filha da Caridade

### **PADRE PATRICK GRIFFIN, DIRETOR GERAL**

#### **CONFERÊNCIA PREPARATÓRIA À RENOVAÇÃO DE 2012**

#### **“O AMOR DE JESUS CRISTO CRUCIFICADO NOS IMPELE”**

Nem todo mundo tem uma divisa em sua vida. No entanto, um bispo possui um brasão geralmente acompanhado de uma divisa; as diferentes forças armadas têm muitas vezes slogans que as descrevem, alguns organismos utilizam fórmulas publicitárias para propagar seus objetivos. As congregações femininas ou masculinas fazem geralmente parte desses grupos que possuem uma citação que expressam seu espírito. Assim o é para a Companhia: São Vicente e Santa Luísa escolheram uma divisa e um selo para as Filhas da Caridade: “*A Caridade de Jesus Crucificado nos impele*”.

Seu selo e sua divisa lembram-me símbolos importantes da Bíblia. Uma belíssima passagem do Cântico dos Cânticos descreve a maneira como as palavras “selo” e “amor” estão associados: o selo é colocado no coração e no braço, sobre os pensamentos e ações da pessoa

*“Grava-me, como um selo em teu coração, como um selo em teu braço; pois o amor é forte, é como a morte! Cruel como o abismo é a paixão; suas chamas, são chamas de fogo, uma faísca de Iahweh! As águas da torrente jamais poderão apagar o amor, nem os rios afogá-lo. Quisesse alguém dar tudo o que tem para comprar o amor... Seria tratado com desprezo”* (Ct. 8, 6-7).

Nesta descrição de um amor dinâmico, emana uma força e uma paixão. Contemplemos o que significa “ser cravado com o selo do amor de Cristo” em palavras e em atos, deste amor que é mais forte que a morte. Nós, que somos marcados pelo selo deste Amor, devemos nos perguntar de que maneira os votos apreendem a natureza indissolúvel deste Amor.

Antigamente, um selo era colocado sobre um documento ou objeto para indicar diferentes coisas: descrevia a quem o documento pertencia, garantia a segurança do conteúdo, indicava a importância que tinha o documento. Assim, por exemplo, São Paulo descreve o cristão como aquele que “*foi marcado com o selo do Espírito Santo*” (Ef 1,13). No Cântico dos Cânticos, a pessoa está marcada pelo selo do amor. Da mesma forma, o selo da Companhia nos lembra nossa pertença a Deus e nossa missão junto aos pobres.

Durante este tempo preparatório à Renovação, meditemos as palavras da nossa divisa: “*o Amor de Jesus Crucificado nos impele*” e a cada elemento presente no selo da Companhia.

#### **1. “O AMOR DE JESUS CRISTO...”**

A primeira parte de sua divisa: “o Amor de Jesus Cristo” pode ser lido de duas maneiras diferentes que se completam e sugerem uma interpretação importante: o amor que Jesus Cristo tem por nós e o amor que temos por Jesus Cristo.

#### **O AMOR QUE JESUS CRISTO TEM POR NÓS.**

A primeira interpretação da expressão: “o amor de Jesus Cristo” é aquele Amor que o Cristo tem por nós. A Bíblia contém inúmeras descrições irrefutáveis desta verdade, assim Jeremias escreve: “*Eu te amei com um amor eterno*” (Jr 31,3). Ora, Jesus é a personificação deste Amor: “*Pois Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único*” (Jo 3,16). Jesus vivia este Amor diariamente: “*Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos*” (Jo 15,13). Sobre a Cruz, seu amor é expresso em plenitude, última manifestação de uma vida rica em atos de amor.

O Cristo é nosso modelo, através de seus milagres, vemos como ele alimentava os famintos (multiplicação dos pães), reconfortava aqueles que choravam, curava os doentes, fazia enxergar, ouvir...e amava aqueles que eram excluídos da comunidade, reintegrando-os. O Cristo amava todas as pessoas prontas para acolhê-Lo, deixando toda a liberdade para lhe responder (cf. o jovem rico).

Este amor do Cristo leva à ação. São Vicente tem palavras muito comoventes sobre o amor do Cristo por nós e seus efeitos:

*“Olhemos o Filho de Deus. Oh! Que coração de caridade! Que chama de amor! [...] Há apenas nosso Senhor que seja assim tão apaixonado pelas criaturas, a ponto de deixar o trono de seu Pai para assumir um corpo sujeito à enfermidades, e por quê? Para estabelecer, entre nós, através de seu exemplo e suas palavras a caridade ao próximo. Foi este amor que o crucificou e que produziu esta obra admirável de nossa redenção. [...] Se tivéssemos um pouco deste amor, permaneceríamos de braços cruzados? Aqueles que pudéssemos assistir, deixaríamos perecer? Oh! não, a caridade não pode permanecer inativa, ela nos conduz à salvação e à consolação dos outros”* (Coste XII, Conferência 207, “Sobre a Caridade” de 30 de Maio de 1659, pág. 264-265).

Esta passagem lembra nossa divisa e nosso selo. O amor de Jesus Cristo, manifestado em plenitude na Cruz, mostra o amor que deve nos impelir a cuidar uns dos outros: “*como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros*” (Jo 13,34). Quando nos deixamos amar por Jesus, somos provocados a amar e servir aos outros: “*o Amor de Jesus Crucificado nos impele*”.

## **O AMOR QUE TEMOS PELO CRISTO**

A segunda interpretação é o amor que temos pelo Cristo. Existem numerosas maneiras de manifestar o amor pelo Cristo. A Virgem Maria aos pés da Cruz é o exemplo mais doloroso e representativo. Porém, a passagem de Pedro após a ressurreição de Jesus é igualmente muito explícita.

*“Depois de comerem, Jesus disse a Simão Pedro: “Simão, filho de João, tu me amas mais do que estes”? Ele lhe respondeu: “Sim, Senhor, tu sabes que te amo”. Jesus lhe disse: “Apascenta os meus cordeiros”. Uma segunda vez lhe disse: “Simão, filho de João, tu me amas?” — “Sim, Senhor”, disse ele, “tu sabes que te amo”. Disse-lhe Jesus: “Apascenta as minhas ovelhas”. Pela terceira vez disse-lhe: “Simão, filho de João, tu me amas?” Entristeceu-se Pedro porque pela terceira vez lhe perguntara “Tu me amas?” e lhe disse: “Senhor, tu sabes tudo; tu sabes que te amo”. Jesus lhe disse: “Apascenta as minhas ovelhas. Em: verdade, em verdade, te digo: quando eras jovem, tu te cingias e andavas por onde querias; quando fores velho, estenderás as mãos e outro te cingirá e te conduzirá aonde não queres”. Disse isso para indicar com que espécie de morte Pedro daria glória a Deus. Tendo falado assim, disse-lhe: “Segue-me””*(Jo 21, 15-19).

Pedro foi convidado a examinar a qualidade de seu amor por Jesus, não simplesmente uma vez, mas três vezes. Para cada vez que perguntava, a questão tinha um significado diferente, assim como as respostas. Imaginemos que a mesma questão nos seja colocada três vezes consecutivas, nossas respostas seriam diferentes, partindo da mais espontânea à mais refletida.

Quando Pedro é interrogado pela primeira vez, ele responde espontaneamente: “*Sim, eu te amo*”. Na segunda vez, Pedro para e compreende a relevância da questão, interrogando sobre sua maneira de amar Jesus. Após refletir, responde com uma certa confiança: “*Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo*”. Finalmente, na terceira vez que Jesus pergunta, Pedro está profundamente perturbado, e compreende que seu amor não está na mesma altura que o de Jesus. Sua resposta está imbuída de humildade, de reconhecimento de suas fraquezas, mas também, de um desejo de amar a Jesus mais profundamente, com tudo o que isso significa.

Após cada resposta de Pedro sobre seu amor, Jesus lhe diz : “*Apascenta as minhas ovelhas*”. Quando uma pessoa diz que ama o Senhor, ela é conduzida a assumir a responsabilidade de cuidar do seu povo (suas “*ovelhas*”). Quanto mais esta declaração é profunda, maior e mais urgente se torna a obrigação de cuidar dos

outros. Lembremo-nos da frase de São Vicente: “*Amemos a Deus, meus Irmãos, amemos a Deus, mas que seja com a força de nossos braços e com o suor de nossos rostos*” (XI,40).

Hoje, deixemos o Senhor nos perguntar três vezes consecutivas: “Tu me amas?” Qual será a nossa resposta? Em qual nível de amor nos situamos? O amor de Jesus Cristo crucificado nos impele?

## 2 – “...CRUCIFICADO...”

Existem muitas maneiras de meditar sobre o amor de Jesus “Jesus Crucificado! Vou me deter em duas:

- O Cristo crucificado: a grandeza do Amor que se entrega na Cruz.
- Hoje, o Cristo continua crucificado de diferentes maneiras em todos os seres que sofrem.

### JESUS CRISTO CRUCIFICADO

Não existe teoria numa crucificação. A palavra “crucificado” nos impede de cair numa meditação teórica sobre o amor mas, nos conduz a assumir a ordem psíquica das coisas: a carne, o sangue e o sofrimento. No tempo de Jesus, a crucificação era um tipo de morte horrível e vergonhosa. Não era simplesmente um meio para executar alguém, estava destinada a dar uma lição. As pessoas eram crucificadas nas praças públicas e seus crimes eram anunciados sobre a cruz, para que, ao passarem neste lugar, as pessoas pudessem ver e tomar a decisão de nunca cometer o mesmo crime.

Jesus estava pronto para aceitar este tipo de morte: “*Ninguém tira a minha vida, mas eu a dou livremente*” (Jo 10,18), São Paulo acrescenta que o Cristo não somente morreu por nós, mas “*foi obediente até a morte, e morte de cruz!*” (Fl 2,8). E quanto a nós, o que isso significa? Este amor, que vai até o fim, nos impele a agir em nossa comunidade e em nosso serviço?

Santa Luísa meditava muitas vezes sobre o sentido da Cruz: “*Demos então o primeiro passo, para segui-Lo...e para vo-lo provar, sigo-vos até ao pé da cruz que escolho para meu claustro. E aí, quero deixar à terra o que são afetos terrenos, posto que vossa voz me convida, falando-me ao coração a que incline o ouvido e esqueça meu povo e a casa de meu pai para me tornar prisioneira de vosso Amor. Ao pé da Cruz santa e sagrada, adoro-vos, pois, e sacrifício tudo o que possa ser impedimento à pureza do amor que desejais de mim, sem pretender depois outro gozo senão o de ser submissa a vosso divino agrado e às leis da pureza que vosso amor me propõe*” (Escritos Espirituais, E.27 (A.27) “Prática do puro Amor”, pág. 951).

Era este amor de Cristo na Cruz que a guiava e a sustentava em seu serviço e em sua oração.

### O CRISTO CRUCIFICADO NO MEIO DE NÓS

A crucificação era uma morte reservada aos escravos e a todos os que não tinham nenhuma influência, mas ela nunca foi posta para os poderosos. Foi assim que Paulo, cidadão romano, foi poupado de sofrer a crucificação.

Olhemos como, atualmente, nosso amor ao Cristo nos conduz àqueles que são os mais desprovidos de todo poder em nossa própria sociedade, aqueles que vivem às margens ou que não são respeitados em sua dignidade, sujeitos a todos os tipos de abuso. O sofrimento destes homens, mulheres e crianças, vítimas da miséria, da injustiça, do tráfico, etc, sem nenhum recurso, pode nos lembrar aquele do Senhor crucificado. Conhecemos aqueles que, de várias maneiras, sofrem as dores da crucificação em nossas sociedades. Pode ser que eles não sejam mortos, mas mesmo que morram de morte natural, ninguém chora por eles.

Desde as origens, a atenção primeira das Filhas da Caridade era de servir aos mais vulneráveis. Os Fundadores insistiam com as Irmãs para que elas se ocupassem com as pessoas que tinham os meios, mas de preferência com os mais abandonados, os mais isolados, aqueles que poderiam ser considerados como “crucificado”: “*Deus as espera nos que sofrem*” (C.7b).

Sim, “*o amor de Jesus Cristo crucificado nos impele*”.

## 3- “..NOS IMPELE”

O verbo “impelir” expressa mais que um movimento, existe uma urgência e uma força, uma necessidade de agir, a qualquer preço e quaisquer que sejam as consequências. Isto lembra o profeta Jeremias que acha difícil fazer a Vontade de Deus, constantemente. No entanto, ele se sente impotente diante da força desta Vontade: “Quando eu pensava: “Não me lembrarei dele, já não falarei em seu Nome”, então, isto era em meu coração como um fogo devorador, encerrado em meus ossos. Estou cansado de suportar, não posso mais!”(Jr 20,9).

A proclamação da palavra de Deus o faz sofrer, mas quando ele resolve parar, então, ele sente um fogo queimando o seu coração, insistindo para proclamar esta Palavra e de viver sua vocação profética! Ele é impulsionado, pressionado, forçado a fazer com que o Senhor seja conhecido, não há mais nada a fazer.

Este tema é retomado por São Vicente quando ele escreve sobre o poder da Caridade e do amor concreto ao Cristo: “A caridade, quando habita numa alma, ocupa inteiramente todas as suas faculdades: sem repouso; é um fogo que age incessantemente; a pessoa que foi por ela uma vez abrasada está sempre em alerta, sempre em ação” (Coste XI, Conferência 129, sobre “a repetição da oração” de 4 de agosto de 1655, pág. 215-216).

São Vicente queria que suas filhas e seus filhos vivessem com zelo o seu carisma. No selo das Filhas da Caridade, as chamadas ao redor da cruz simbolizam seu zelo em servir aos pobres.

E quanto a nós, estamos prontos para amar nossas Irmãs e os pobres até nos doarmos inteiramente? O Documento Inter-Assembleias faz referência a “*desejos ardentes, apelos urgentes*” (DIA, pág. 5). Quais são os apelos do Espírito Santo para nós, neste momento? Como o amor do Cristo crucificado nos impulsiona?

Quando Jesus é interrogado para saber qual é o maior dos mandamentos, sua resposta é clara: “*amarás o Senhor teu Deus de todo teu coração, de toda tua alma, de todo teu entendimento, e com toda a tua força*” (Mc 12,30). Observemos que o encorajamento para amar o Senhor, não se faz simplesmente na ação, mas compromete também o coração, a inteligência e o espírito da pessoa.

Através da nossa inteligência, constatamos a injustiça, a miséria e o sofrimento dos pobres no mundo. Nossa inteligência nos convida a refletir sobre uma maneira de agir pela justiça e nos faz sentir a urgência de promover a justiça.

Através do nosso coração, provamos da compaixão por todos aqueles que sofrem. Quantas vezes as Escrituras descrevem a compaixão de Jesus (Mc 6,34; Mt 9,36; 14,14;15,32; 20,34; Lc 7,13). Nosso coração nos faz sentir a dor do outro e buscar meios para aliviá-la.

Através de nossa alma, a parte mais profunda de nós mesmos, onde Deus está presente, desejamos responder àqueles que estão passando necessidades. A urgência brota do interior. Quando esta parte de nós mesmos, feita a semelhança de Deus é tocada, somos pressionados, impulsionados e forçados a responder.

Através de nossas forças, podemos servir os pobres com todo o nosso ser. São Tiago insiste muito sobre a necessidade de agir pessoalmente: *Minhas Irmãs, “se alguém disser que tem fé, mas não tem obras, que lhe aproveitará isso? Acaso a fé poderá salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã não tiverem o que vestir e lhes faltar o necessário para a subsistência de cada dia, e alguém dentre vós lhes disser: “Ide em paz, aquecei-vos e saciai-vos”, e não lhes der o necessário para a sua manutenção, que proveito haverá nisso? Assim também a fé, se não tiver obras, está morta em seu isolamento”* (Tg 2,14-17).

Pode ser que as pessoas achem estranho o fato de deixar a oração para servir os pobres, mas é o centro da nossa espiritualidade, a exemplo do bom Samaritano. Na passagem do Último julgamento (Mt 25), não podemos imaginar que aqueles que não cuidaram dos pobres, justifiquem sua falta de ação pela assiduidade à oração. Não! O amor do Senhor deve nos impulsionar à ação em seu nome e com Ele. Quando amamos a Deus com todo o nosso espírito, todo o nosso coração, toda a nossa alma, e toda a nossa força, estamos prontos para fazer esta entrega total de nós mesmos, pelos Votos. Nosso amor ao Cristo deve ser expresso dessa maneira e ser encarnado através do serviço aos nossos irmãos e irmãs em suas necessidades. A divisa: “*o Amor de Cristo crucificado nos impele*” não somente reforça o nosso compromisso pessoal, mas também nosso compromisso comunitário. O amor do Cristo nos impulsiona para juntos servirmos o povo de Deus. Se vivemos em comunidade, é para nos apoiarmos mutuamente e para juntos progredirmos para o Cristo. As Constituições nos lembram que “o testemunho evangélico da Comunidade local é um sinal (...) visível da presença de Jesus Cristo amado e servido nos pobres” (C.59). O testemunho de nossas Irmãs nos dá força e determinação. Juntos, oferecemos um testemunho eficaz e uma possibilidade de mudança.

## CONCLUSÃO

“O amor de Jesus Cristo crucificado nos impele”. Você sente a força e a orientação destas palavras quando você pensa na doação totalmente e em comunidade no serviço de Cristo, junto aos seus irmãos e irmãs que são pobres?

No “amor de Cristo crucificado”, o que lhe “impele” a renovar os votos?

- Seu amor ao Cristo para identificar-se a Ele;
- Seu amor ao Cristo para O servir através das pessoas, apesar de suas fraquezas
- Seu amor ao Cristo para aliviar o sofrimento dos crucificados do nosso tempo
- Seu amor ao Cristo para aceitar-se como você é com as riquezas e os limites
- Seu amor ao Cristo que lhe deseja fiel
- Seu amor ao Cristo que lhe compromete a amar e a servir

“Grava-me, como um selo em teu coração, como um selo em teu braço; pois o amor é forte, é como a morte! Cruel como o abismo é a paixão; suas chamas são chamas de fogo uma fâsca de Iahweh!” (Ct 8,6)

Padre Patrick Griffin  
Diretor Geral

### PADRE GREGORY GAY, SUPERIOR GERAL

Casa-Mãe, 26 de março de 2012.

#### “QUATRO AMIGOS” PARA VIVER NOSSA RENOVAÇÃO

Minhas queridas Irmãs,

Hoje, para vocês, é um dia que é ao mesmo tempo familiar e único: o dia da Renovação anual dos Votos. Mesmo se as modalidades e a fórmula dos votos lhes são bastante conhecidas, a cada ano, vocês são confrontadas com novos desafios. Este acontecimento único, previsto por São Vicente e Santa Luísa como essencial à natureza da Companhia das Filhas da Caridade é um lembrete para exercer a vigilância na vocação. A vigilância, à qual o Senhor as chama, não consiste no temor ou de estar na defensiva, qualidades muitas vezes, atribuídas à palavra “vigilância”. Trata-se de estar num “estado de vigilância”, é um convite para viver livre e radicalmente nosso ser de discípulo de Cristo. São Vicente expressa com simplicidade e clareza nas Regras Comuns:

**“O fim principal para o qual Deus chamou e reuniu as Filhas da Caridade é para honrar Nosso Senhor Jesus Cristo como fonte e modelo de toda caridade, servindo-o corporal e espiritualmente na pessoa dos Pobres...”** (Constituições pág.28 ; Regras Comuns I, 1)

É a pessoa e a presença de Jesus Cristo que chamou, inspirou e sustentou nossos santos fundadores e que nós continuamos a buscar, ainda hoje. Este apelo, alimentado pela oração, meditação da Palavra de Deus e a Eucaristia, forma e modela nossa vida. Ele nos liberta de uma vida centrada em nós mesmos e permite que nos doemos a Deus, em comunidade, para servir os pobres.

Permitam-me começar com a parábola que fala do profundo mistério que age na vida das Filhas da Caridade. Trata-se da parábola do paralítico que desceu pelo telhado para ser curado por Jesus (Mc 2, 2-12; Lc 5, 17-26). Vou renomear assim: “A parábola dos quatro amigos”.

“Vieram trazer-lhe um paralítico, transportado por quatro homens. E como não puderam aproximar-se por causa da multidão, abriram o teto à altura do lugar onde Ele se encontrava e, tendo feito um buraco, baixaram o leito em que jazia o paralítico. Jesus, vendo sua fé, disse ao paralítico: “Filho, os teus pecados estão perdoados”. Ora, alguns dos escribas que lá estavam sentados refletiam em seus corações: “Por que está falando assim? Ele blasfema! Quem pode perdoar pecados a não ser Deus?” Jesus imediatamente percebeu em seu espírito o que pensavam em seu íntimo, e disse: “Por que pensais assim em vossos corações? O que é mais fácil dizer ao paralítico: ‘Os teus pecados estão perdoados’, ou dizer: ‘Levanta-te, toma a tua maca e anda?’ Pois bem, para que saibais que o Filho do Homem tem poder de perdoar pecados na terra, Eu te ordeno - disse Ele ao paralítico - levanta-te, toma o teu leito e vai para a tua casa”. O paralítico levantou-se e, imediatamente, carregando o leito, saiu diante de todos, de sorte que ficaram admirados e glorificaram a Deus, dizendo: “Nunca vimos coisa igual!” (Mc 2, 3-12)

Meditemos esta parábola que contém muitos temas: a doença e a rejeição, a fé e a determinação, a amizade e a cura. Neste Evangelho, Jesus não pode nem ao menos visitar sua própria família, porque está muito ocupado com a multidão que busca sua presença. O paralisado é o mais indefeso de todos os que buscam a Jesus : ele não pode se mover e é desprezado por causa de sua doença. No mundo antigo, a doença era considerada como um castigo de Deus pelos pecados cometidos por uma pessoa, e a deficiência como uma punição de Deus pelos pecados cometidos por sua família ou por seus antepassados.

Deficiente e marginalizado, este homem gostaria muito de ser curado por Jesus. Mas, Jesus lhe disse: “Teus pecados estão perdoados”. Antes de aliviá-lo do terrível fardo da doença e da deficiência, Jesus afirma primeiro, diante de todas as pessoas presentes, sua dignidade de filho de Deus. Mas, como em outras parábolas, esta passagem nos convida a aprofundar nossa fé e a converter nosso coração. Chamo a atenção sobre dois aspectos essenciais desta passagem

Para começar, trata-se de um paralisado. Quando ele foi içado sobre o telhado e desceu de surpresa no meio de todos os que queriam passar mais tempo com Jesus, tornou-se o centro da atenção, apesar do seu descontentamento. Mesmo se seu corpo estava paralisado, seu coração e sua vontade não estavam, ele procurava encontrar-se com Jesus.

Nesta passagem de cura, quatro homens levaram o paralisado para o telhado e o desceram até Jesus: tarefa difícil de realizar e que precisaria de imaginação e um real compromisso. Estes quatro homens eram provavelmente, muito bons amigos, pois, somente bons e verdadeiros amigos sabem assumir riscos uns pelos outros.

Podemos estabelecer um paralelo entre esta passagem e a renovação dos Votos.

Cada um de nós tem uma certa experiência da paralisia em sua vida. A palavra “paralisia” tem duas definições: *a perda de movimento voluntário seguida de uma alteração de função nervosa ou muscular; e não conseguir mover-se ou fazer progresso*. Sabemos, com certeza que a paralisia física pode acontecer quando nos deparamos com a realidade da idade e da doença. Mas, outra definição é igualmente verdadeira. Muitas vezes, nos sentimos “paralisados” impotentes em nossas comunidades ou nos serviços (apostolado ou outros), as vezes, nossos esforços não produzem nenhum resultado. Os pobres, também, vivem paralisias e as Filhas da Caridade, que os acompanham, experimentam as mesmas privações e as mesmas frustrações.

Poderíamos comparar nossos Votos (castidade, pobreza, obediência e o serviço dos pobres) aos quatro amigos da parábola : eles estão lá para nos ajudar, nos levantam de nossa paralisia e dos nossos fracassos humanos ou do nosso pouco comprometimento; eles levantam os telhados dos nossos limites que impomos a nós mesmos, derrubam os muros que podemos construir para nos isolar, e nos conduzem até Jesus (nenhuma outra força pode fazer isso). Eles nos guiam em direção ao nosso objetivo: nos doarmos à Deus para servi-Lo nos pobres.

Os votos nos permitem viver nossa vocação no seguimento de Jesus, tal como ele se revela nos pobres, a exemplo de São Vicente e de Santa Luísa. As Constituições falam com simplicidade e beleza da maneira como esses “quatro amigos” nos guiam ao longo de nossa vida na Companhia.

O voto de castidade é um *“dom que liberta seu coração, dilatando-o segundo as dimensões do coração de Jesus Cristo, por uma doação incondicional e uma total disponibilidade ao serviço dos pobres ... resposta de amor a um apelo de Amor”* (C 29 a, b). Este “amigo” nos leva a transcender o sofrimento da solidão para se unir a Jesus numa fecundidade espiritual e apostólica.

O voto de pobreza *“encontra sua plenitude na pobreza do coração...impele as Filhas da caridade a colocar a serviço de seus irmãos e irmãs, sua pessoa, talentos, tempo, trabalho, bem como os bens materiais”* (C.30a). Este “amigo” nos ajuda a nos converter todos os dias à pobreza evangélica para melhor compreender e partilhar a vida das pessoas que o Senhor coloca em nosso caminho.

O voto de obediência permite reproduzir na fé a atitude do Cristo obediente, é vivido *“em corresponsabilidade e subsidiariedade, comprometem-nas a uma busca e a aceitação humilde e leal da vontade de Deus, manifestada à Companhia...pelo clamor dos pobres, os apelos da Igreja, os sinais dos tempos, as Constituições e os Estatutos”* (C 31b). Este “amigo” nos ajuda a buscar e a clarificar a Vontade de Deus sobre nós no centro do grande Projeto de Amor de Deus pelos homens.

O último “amigo” (o voto do serviço de Cristo nos pobres) permite integrar o chamado a ser casta, pobre e obediente numa vida ativa de serviço, alimentada pela oração, pela Eucaristia e a doação na Comunidade: “*buscando revelar o Senhor aos pobres, anunciam-lhes o Evangelho, explicitamente onde é possível e sempre pela vida*” (C 24b).

Acredito que refletimos sobre a maneira como, ao longo do ano passado, permitimos a Deus de nos “chamar das trevas para a sua luz maravilhosa” (1 P 2, 9). A luz e as trevas são grandes temas, na Escritura como na vida. Mas, na vida consagrada pelos votos, devemos reconhecer que Deus está sempre ao nosso lado, tanto nos momentos escuros como nos luminosos. Quando ocorre uma paralisia, o Senhor nos diz: “*Levanta-te, toma a tua maca e anda*” (Mc 2, 11). Hoje, redescobrimos nossos quatro “amigos”. Deixemo-nos guiar mais profundamente pelo mistério do amor de Deus e pela presença de Jesus em nossa vida.

Esta festa da Anunciação nos lembra o **sim** humilde e simples da Virgem Maria a Deus. Ela que foi a primeira a tornar possível o caminho de fé que hoje, compartilhamos. São Vicente e Santa Luísa encontraram em Maria, aquela cujo “Fiat” os inspirou. Vamos a Maria, nossa Mãe, cuja vida, oração e atenção, especialmente, para as Filhas da Caridade são partes integrantes da nossa espiritualidade e de nossa história. Rezemos, diariamente, a invocação de Maria Imaculada confiada através de sua Medalha.

Permitam-me terminar com uma das citações prediletas do Bem-aventurado Papa João Paulo II atribuída à Santa Catarina de Siena: “*se sois o que deveis ser, incendiareis o mundo inteiro...!*” Um magnífico pensamento para meditar neste dia de Renovação

Padre Gregory GAY  
**SUPERIOR GERAL**

## **DESAFIOS ATUAIS**

### **PROVÍNCIA DA AMÉRICA CENTRAL (PANAMÁ)**

#### **A Caridade de Cristo nos impele a servir aos órfãos**

##### **APRESENTAÇÃO**

As Filhas da Caridade chegaram ao Panamá, em 1875 com um grupo de Filhas da Caridade que havia sido expulso do México. No Panamá, elas fundaram um hospital para os estrangeiros. Algumas Irmãs iam trabalhar no Hospital “Santo Tomas”, outras Irmãs serviam aos órfãos em diferentes abrigos.

Em 1889, o orfanato de “San José de Malambo” foi fundado por Manuel Jaén, para “*socorrer as crianças órfãs, abandonadas e maltratadas em sua querida pátria*”. O estabelecimento foi aberto ao público em 1890, e a administração foi confiada às Filhas da Caridade.

Atualmente, o que se vive no Panamá, é um contexto semelhante ao que viveu São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac em 1660. O orfanato “San José de Malambo” fica localizado no distrito de Caceres, em Arraijan. Ele continua, ainda hoje, sendo dirigido pelas Filhas da Caridade. As crianças e adolescentes, de ambos os sexos, que vêm de diferentes lugares da República são marcados pela miséria, fome, violência sexual, falta de escolarização, e, cada vez mais, pelo vírus da AIDS. Estas realidades dolorosas vividas em pleno século XXI, quando há tantos avanços científicos, de alta tecnologia.

##### **NOSSA MISSÃO**

Nossa comunidade é formada por sete Irmãs, e está a serviço de 170 órfãos em situação de risco. Um centro escolar, que vai desde o maternal até o vestibular, acolhe os jovens em condições semelhantes aos do orfanato.

Diante dos desafios das novas pobreza, estamos comprometidas, em nosso serviço no orfanato "San José de Malambo": a sermos presença dinâmica da Caridade do Cristo, a defender o direito das crianças, sua dignidade e ajudá-las a participar do seu próprio desenvolvimento.

*"As Filhas da Caridade veem nos que sofrem, nos que são atingidos em sua dignidade, sua saúde, seus direitos, filhos de Deus, irmãos e irmãs com os quais são solidárias" (C. 16c).*

Elaboramos Programas para combater tudo o que poderia impedir o desenvolvimento e a dignidade das crianças :

- os maus-tratos recebidos
- a falta de desenvolvimento motor, sensorial, intelectual
- as doenças, especialmente a AIDS
- a violência sexual

*Um dia, um bebê, chamado Jean, chegou ao Lar. Seus pais o tinham jogado no banheiro para se livrarem dele. Tendo escutado os gritos do bebê, os vizinhos o tiraram de lá e o levaram para o hospital, onde permaneceu por dois meses, depois o levaram para o orfanato, onde viveu durante um ano. Além dos cuidados com sua saúde, ele recebia muito amor de todos os que o rodeavam, mas, infelizmente, por causa das graves queimaduras causadas pelo detergente, colocado no banheiro, ele morreu.*

Nesta tragédia, que contraria a dignidade do ser humano, reconhecemos o rosto do Cristo sofredor.

Numa outra ocasião, chegaram ao orfanato "Joana e Maria, dois bebês de cinco e sete meses, com AIDS. Em consequência dos maus-tratos, apresentavam um alto índice de desnutrição com poucas chances de sobreviver. Graças aos cuidados, a atenção e ao amor de uma Filha da Caridade, hoje, elas têm dois anos e meio, cantam, pulam, correm e vão para a creche e estão muito felizes".

## **NOSSAS CONVICÇÕES**

- A fidelidade ao Carisma Vicentino fortifica a vida de uma Filha da Caridade. Este carisma nos garante que os Pobres serão sempre servidos
- A confiança na divina Providência sustenta as obras dos Pobres.
- Pela fé, cremos que Deus nos espera naqueles que sofrem.
- Uma união constante com Deus nos impulsiona a sermos testemunhas do seu amor no mundo.

## **CONCLUSÃO**

Em pleno século XXI, através de uma mensagem sempre nova, nos adaptamos ao contexto atual, nos esforçamos para servir as crianças abandonadas com muito amor à exemplo dos nossos Fundadores. Santa Luísa de Marillac, educadora dos órfãos do século XVII, continua a nos falar ainda hoje, nos exortando a educar da melhor maneira possível estas crianças pobres.

O serviço dos pobres alimenta nossa contemplação de Deus, dia após dia, pois temos sempre em nosso coração as palavras reconfortantes de Jesus: "aquele que recebe uma criança como esta por causa do meu nome, recebe a mim" (Mt 18, 5). Através do testemunho de sua vida, os pobres nos conduzem a Deus e nos evangelizam. Que Maria, única Mãe da Companhia, continue nos acompanhando e nos ajude a nos tornarmos verdadeiramente servas humildes e simples.

A Comunidade do Lar "San José de Malambo"  
(Panamá, Província da América Central)

## DESAFIOS ATUAIS

### **PROVÍNCIA DA AUSTRÁLIA UMA NOVA COMUNIDADE PARA UM NOVO SERVIÇO DOS POBRES**

Após um tempo de reflexão Provincial, de consultas às Irmãs e de colaboração com a Família Vicentina, mais precisamente com a Sociedade São Vicente de Paulo, o Conselho provincial tomou a decisão de fundar uma nova Comunidade em Green Valley, no estado de Nova Gales do Sul, situado no sudoeste de Sydney.

Três Irmãs foram enviadas em missão para criar esta nova Comunidade:

Irmã Olive, vinda recentemente de sua missão nas Ilhas Fiji e após ter terminado um programa de formação clínica e pastoral, assume atualmente as visitas domiciliares com os voluntários da Sociedade São Vicente de Paulo, que tem por objetivo propor encontros pastorais às pessoas marginalizadas.

Irmã Maggie, após uma sessão de Integração Vicentina em Chicago, trabalha na elaboração dos recursos de estudos e de formação à sensibilidades para serem utilizadas pelos membros da Família Vicentina. Este ano, um dos seus principais serviços, que é uma nova forma de serviço para a Província, consiste em pregar retiros para as Filhas da Caridade e aos Lazaristas. Irmã Maggie está também comprometida, como responsável, em tempo parcial pela evangelização numa prisão feminina com 200 detentas, ao oeste de Sydney.

Irmã Carole, terapeuta, utiliza a arte para favorecer a expressão das pessoas em dificuldade do Centro Caroline Chisholm para a justiça social. Situado na região do Monte Druitt ao oeste de Sydney, este Centro é dirigido pela Sociedade São Vicente de Paulo. No Centro, a Irmã Carole supervisiona a aplicação de um programa de criações artísticas.

A Comunidade fica localizada em Green Valley, por isso, cada Irmã deve se deslocar para o trabalho, em direções distintas, o que significa dizer, passar mais de uma hora de transporte. Após sua jornada de serviço, cada uma volta para a Comunidade, partilha com as outras duas Irmãs o que vivenciaram em seu serviço: os desafios, as alegrias e as tristezas, o que gera uma boa discussão. Em seguida, a Comunidade coloca todas as intenções em suas orações.

Queremos partilhar um pouco mais o serviço realizado no Centro Caroline Chisholm.

Os estudos demográficos desta região, realizados em 2001, pelo plano social da cidade de Blacktown, identificou a presença de um grande número de imigrantes vindos de países não anglofônicos e que são empregados como operários. O recenseamento de 2006, realizado pelo Departamento Australiano de Estatísticas, constatou que dos 14.000 habitantes, 46% eram de nacionalidade estrangeira, ou seja, mais que o dobro da média nacional. Entre as categorias profissionais, as mais frequentes, contava-se com 18% de agentes administrativos, 16% de operários, 15% de operadores de máquinas e 14% de vendedores.

O Centro Caroline Chisholm, administrado por seis funcionários e trinta voluntários, ajudou 4 300 necessitados em 2007, 5.400 em 2009, e mais de 7.000 em 2011, oferecendo-lhes alimentação,

roupas, ajuda financeira, alojamento, trabalhos e apoio jurídico junto ao departamento de imigração, além de orientações de como gerar o orçamento. Entre os 3000 solteiros, 2 600 famílias monoparentais, e mais de 1 000 casais com filhos, constatou-se que 1.500 pessoas/famílias não tinham domicílio fixo. No âmbito da Ajuda Social existe um serviço de acompanhamento e de terapia psicológica. Os escritórios de serviço da cidade, o tribunal e outros organismos encaminham as pessoas para o serviço de ajuda social do Centro Caroline Chisholm para um acompanhamento ou uma terapia. O Centro conta com um assistente social /conselheiro em tempo integral, e outro em tempo parcial, um terapeuta que trabalha com a arte ou a areia, um psicólogo, e um assistente social que também trabalha em tempo parcial

O Centro oferece também como formação para adultos o curso de informática, a aquisição da carteira de motorista, formação de competências para educar as crianças, orientação para as relações humanas para bem viverem juntos e oficinas de criações artísticas. Ao longo deste processo, a sua auto-estima se eleva.

Em consequência do aumento de pessoas encaminhadas para a terapia e do número de inscritos para as oficinas de criações artísticas, o tempo de trabalho da Irmã Carole teve que passar para quatro dias por semana. No começo, Irmã Carole não tinha previsto trabalhar com crianças, mas grande parte das solicitações das pessoas encaminhadas para a terapia, era de crianças. Em 2009 ela completa sua formação de terapeuta para melhor adaptar-se às necessidades das crianças, partindo do trabalho com areia. Trabalhando com arte, os pacientes conseguem ultrapassar seus bloqueios, encontrar as soluções e as mudanças a serem feitas para começar um processo de cura.

Irmã Carole trabalha numa pequena sala, cheia de prateleiras, nas quais se encontram símbolos em miniaturas referentes a todos os aspectos da vida. Os pacientes retêm alguns destes símbolos que colocam numa bandeja cheia de areia que se torna “seu mundo”: a partir disto, eles começam a contar suas histórias. É um mundo que o paciente controla e o qual ele pode deslocar, recolocar em seu lugar, observar os objetos, dialogar com eles e encontrar soluções. Neste contexto, o papel da Irmã Carole consiste em escutar com muito respeito. Irmã Carole é sempre surpreendida pela fragilidade da vida e da enorme capacidade de superar as provações, as lutas e os sofrimentos. Uma vez por semana, Irmã Carole oferece curso de criações artísticas: mosaicos, cerâmica, confecção de bijuteria, pintura em seda, decorações e presentes de Natal. Os pacientes criam presentes para oferecer aos seus familiares, outros os vendem pela internet para melhorar sua situação financeira. Os pacientes inscritos neste programa, podem participar dos serviços do Centro Caroline Chisholm ou outros organismos.

Em Comunidade, Irmã Maggie e Irmã Olive iniciaram suas atividades de criação artística com a Irmã Carole. Durante um momento comunitário, as três passaram duas horas em oração e silêncio pintando mandalas. Cada uma começou e a cada dez minutos, uma passava a sua arte para a outra de modo que esta pudesse dar continuidade acrescentando o seu toque pessoal. As mandalas foram trocadas três vezes antes que cada uma pudesse terminar. Este exercício ilustra o que significa para elas, a vida comunitária.

Acreditamos que este novo serviço no sudoeste de Sydney continua nutrindo nossa contemplação e dando sentido à nossa vida comunitária, assim como à relação com Deus e a vida fraterna em comum, revigorando sem cessar o compromisso apostólico (C. 16b),

Irmã Maggie Reynolds, Irmã Olive Mangan, Irmã Carole Jones,  
*Filhas da Caridade*

## **NOMEAÇÕES**

### **DESIGNAÇÃO DAS VISITADORAS E**

### **NOMEAÇÃO DOS DIRETORES PROVINCIAIS**

#### **DESIGNAÇÃO DAS VISITADORAS**

REGIÃO DA ALBÂNIA: Irmã Tonja TUSHI foi designada novamente Responsável Regional, em 14 de setembro de 2011.

PROVÍNCIA DE GRAZ-EUROPA CENTRAL: Irmã Elfried Magdalena POMWENGER foi designada Visitadora da nova Província, em 2 de outubro de 2011.

PROVÍNCIA DO MÉXICO: Irmã Maria Graciela RUBIO MONCADA foi designada novamente Visitadora, por três anos, em 9 de novembro de 2011.

PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO: Irmã Maria Cristina D'ABRUZZO foi designada Visitadora, em substituição da Irmã Jeny Borges da SILVA, em 18 de janeiro de 2012

PROVÍNCIA DO VIETNÃ: Irmã Cat Hy NGUYEN THI KIM VAN foi designada Visitadora, em substituição da Irmã Justina TRAN THI TUOI, em 18 de janeiro de 2012.

PROVÍNCIA DA SARDENHA: Irmã Caterina BUA foi designada Visitadora em substituição da Irmã Clementina DESSI, em 18 de janeiro de 2012.

PROVÍNCIA DO RECIFE: Irmã Maria Ilza FERREIRA foi designada Visitadora em substituição da Irmã Sílvia Maria de OLIVEIRA MOTA, em 22 de fevereiro de 2012.

PROVÍNCIA DE VARSÓVIA: Irmã Maria LESZCZYNSKA foi designada Visitadora, em substituição da Irmã Stanisława KOKOSZA, em 22 de fevereiro de 2012.

PROVÍNCIA DA AMÉRICA CENTRAL: Irmã Maria Elena HERRERA CUEVA foi designada Visitadora em substituição da Irmã Rosa Elvira GOMEZ MENDEZ, em 21 de março de 2012.

PROVÍNCIA DE CALI: Irmã Gloria Maria AGUIRRE FRANCO foi designada Visitadora em substituição da Irmã Maria Lia GIRALDO HERRERA, em 21 de março de 2012.

\* \* \* \* \*

#### **NOMEAÇÃO DOS DIRETORES PROVINCIAIS**

PROVÍNCIA DA FRANÇA NORTE: o Padre Yves BOUCHET foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade por um mandato de seis anos, em 7 de novembro de 2011.

PROVÍNCIA CHINESA: o Padre Jan Van AERT foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por um mandato de três anos, em 13 de março de 2012.

PROVÍNCIA DE CHELMNO: o Padre Pawel SLIWINSKI foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por um mandato de três anos, em 23 de março de 2012.

PROVÍNCIA DE CRACÓVIA: o Padre Josef LUCYSZYN foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade por um mandato de seis anos, em 23 de março de 2012. O Padre Marcin STASIOWSKI foi nomeado Vice-Diretor, para as casas da Província, situadas no território da ex-União Soviética, em 23 de março de 2012.

PROVÍNCIA DE CUBA: o Padre Gilbert WALKER foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 26 de Março de 2012.

PROVÍNCIA DE GIJON: o Padre Juan VELASCO ROBLAS foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por um mandato de três anos, em 4 de abril de 2012

PROVÍNCIA DO VIETNÃ: o Padre Joseph PHAN THAI HOA foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por um mandato de três anos, em 4 de abril de 2012

## **TESTEMUNHOS DAS IRMÃS**

### **Província das Filipinas**

#### **SENDONG, EM CAGAYAN DE ORO**

de 22 de dezembro de 2011 à 2 de janeiro de 2012

#### **AMAR O MUNDO COM O CORAÇÃO DE DEUS**

No centro do tufão Sendong que atingiu o norte de Mindanao, precisamente em Cagayan de Oro e da cidade de Iligan, em 16 e 17 de dezembro de 2011, nós, Filhas da Caridade da Província das Filipinas, ouvimos o clamor dos pobres e o respondemos ajudando a Igreja local sob a direção do Arcebispo, Dom Antônio J. Ledesma, num esforço para aliviar e reintegrar as vítimas. Nossas Irmãs que trabalham na diocese de Cagayan de Oro lançaram um apelo para suscitar nossa presença ao seu lado. Imediatamente, a Visitadora, Irmã Maria Teresa Mueda, mobilizou equipes de Irmãs e de voluntários que se revezavam para estar presente lá onde o seu serviço poderia ser útil. Nesta iniciativa, foi possível colaborar ao mesmo tempo com a Igreja e o Governo, especialmente, com o departamento de Proteção social, responsável por administrar o socorro às duas cidades declaradas em estado de calamidade pública.

#### **DEUS PROVIDÊNCIA**

Sou testemunha da presença de pessoas vindas de diferentes setores da sociedade, de entidades governamentais e não governamentais para ajudar as vítimas, oferecer-lhes ajuda, para atender às necessidades básicas, empreender um programa de reabilitação a longo prazo. Elas vinham de grupos locais, regionais, nacionais e internacionais. Muitas pessoas colocaram as suas experiências para ajudar no plano físico, social, econômico, espiritual (alimento, alojamento nos centros de acolhimento, ou outros, escuta psicológica...), era a expressão da Providência de Deus para as vítimas de Sendong.

#### **DEUS CHAMA PARA A MISSÃO**

No fluxo incessante dos serviços de ajuda, todos trabalharam, juntos, com verdadeiro espírito de colaboração. Estes voluntários tinham o senso da missão, respondendo à uma questão global, com ajuda integral e a longo prazo. Seu sentido de engajamento foi além de suas famílias ou do grupo ao qual pertenciam. Em consequência das perdas humanas e materiais, era importante que os voluntários trabalhassem juntos. Sem este sentido de missão comum, as vítimas teriam sofrido ainda mais.

#### **DEUS PRESENTE NO CENTRO DA MISÉRIA**

As Irmãs que foram mobilizadas para socorrer às vítimas deram testemunho de Deus, presente no mundo dos pobres e isto foi para mim, uma ocasião de dar graças pela Companhia. Nossa presença nos dois maiores centros de acolhimento das vítimas em Cagayan de Oro permitiu colaborar com a organização departamental e de favorecer a estruturação dos trabalhos de maneira ordenada e oferecendo atenção às pessoas

Todos os dias, os Lazaristas e padres diocesanos celebravam a Eucaristia nos campos de acolhimento ou na Catedral bem próxima dos nossos alojamentos, o que nos encorajava a permanecer na disponibilidade para o serviço, iniciando pela manhã até tarde da noite, apesar do cansaço. No Natal ou no Ano Novo, nos centros de acolhimento, tivemos belas celebrações litúrgicas, mesmo que simples, porém belas, preparadas pelas vítimas que nos deram verdadeiras lições de coragem e de fé. Esta foi a primeira vez que celebramos estas festas, fora de nossas comunidades de costume.

## **DEUS NOS REÚNE**

Por ocasião do almoço de Natal, tivemos a alegria de nos encontrarmos como comunidade fraterna, com as três Irmãs enviadas à Cagayan de Oro e os dois padres Lazarista que trabalhavam conosco. Este foi um tempo de conforto e apoio para voltarmos para os respectivos campos, onde, com as vítimas da catástrofe, rezamos e renovamos o nosso ato de consagração a Deus.

As orações e o apoio financeiro de toda a Companhia foram fonte de conforto e de apoio às vítimas de Sendong, que nos permitiu dar graças a Deus por tanta generosidade.

## **CONCLUSÃO**

No final do nosso trabalho momentâneo, retornamos para as nossas comunidades, felizes por termos sido uma pequena luz na escuridão e uma esperança para o futuro que permanece nas mãos de Deus.

Irmã Mary Ann GUEVARA  
*Filha da Caridade*

## **FONTES E ATUALIDADES**

### **VICENTE DE PAULO, FUNDADOR**

#### **Conferência dada às Filhas da Caridade**

Sua Comunidade e seu estilo eminentemente apostólico não foram criações espontâneas que poderíamos estudar e aprofundar independentemente de qualquer contexto. Antes de ser uma Instituição, ela foi uma etapa na caminhada de Vicente de Paulo. Também, para termos uma ideia exata da Companhia, é necessário partir do homem e da história de suas origens. É isto que proponho realizarmos nesta primeira parte do nosso estudo.

Sua Comunidade, talvez, ainda mais que a Congregação dos Padres da Missão, parece-me ser o eco e o reflexo da personalidade do Padre Vicente. Ela é sem dúvida a fundação que mais o revela, em sua originalidade, em sua audácia, em seu equilíbrio e em sua eficácia.

Evocar rapidamente o próprio Vicente de Paulo é certamente a melhor maneira de nos preparar para compreender em profundidade sua Comunidade, para a qual foi transmitido o melhor de sua personalidade.

Infelizmente, muitas vezes, chamo a atenção, para isto, não conhecemos muito o homem: Vicente. No tempo da nossa formação, fazem-nos descobrir rapidamente sua santidade e suas virtudes. Aprendemos que ele era mortificado antes de descobrir que tinha sido sensível e como foi sensível, aprendemos como foi a sua renúncia aos laços de família, antes de nos perguntarmos se ele tinha amado sua família e como ele a tinha amado... e assim sucessivamente. Este método me parece ser decepcionante e perigoso para o estudo de qualquer santidade. Mas ela é particularmente prejudicial, para aqueles que desejam interessar-se por São Vicente e sua personalidade humana, tão determinantes e tão ricas

Como delimitar tamanha complexidade em apenas um curto espaço de tempo? É necessário nos contentar em fazer rápidas abordagens que permitirão, assim espero, uma espécie de esboço suficientemente instrutivo.

Primeiro, no que se refere às origens sociais e familiares de Vicente de Paulo, fatores sempre importantes para um homem ou uma mulher, não esqueçamos jamais que Vicente era rural, gascão e pobre.

## I – AS ORIGENS SOCIAIS E FAMILIARES DE SÃO VICENTE

### RURAL

Quantas vezes, Padre Vicente lembra esta característica de suas origens<sup>1</sup>. Muitas vezes, nos detemos apenas no lado humilde ou nas humilhações, porque como eu dizia, existe um momento, que estamos muito apressados para chegar à santidade. Mas, existe aí uma realidade psicológica importante, e que encontramos com frequência, nos treze volumes das cartas e conferências de São Vicente, uma mentalidade e reflexos rurais. Encontramos, por exemplo, no que erroneamente chamamos de sua lentidão, sua atitude, suas reações com relação ao trato com o dinheiro, ou mesmo na sua maneira de falar da Providência e de suas fundações, como um camponês fala de seus campos e de suas colheitas.

Se insisto sobre este lado rural de Vicente de Paulo, é porque isto marcou profundamente a Comunidade. Seu fundador era um camponês e permaneceu assim até a sua morte em 1660. Como por acaso, as duas experiências mais importantes de sua vida, Gannes e Châtillon, foram desenvolvidas num contexto rural. E o que é ainda mais importante para vocês, é que as primeiras gerações de Filhas da Caridade, depois de Margarida Naseau, foram quase que exclusivamente camponesas.

Não é de se admirar que, numa de suas mais belas conferências feitas às Filhas da Caridade, São Vicente tenha proposto como ideal, o espírito e as virtudes das boas jovens do campo.

### GASCÃO

Vicente de Paulo era tão gascão que permaneceu assim ao longo de toda a sua vida. Ele era consciente e orgulhoso disso, sabendo perfeitamente o que isto significava dizer. Aqui está uma prova entre muitas outras, encontradas em sua correspondência. Escrevendo à Firmin Get, Superior em Marselha, Vicente se mostra surpreso, porque ao tratar de certo assunto, dizia apenas uma parte da verdade: “Peço-vos, senhor, que consideres bem, quando vos pergunto sobre a razão que tivestes para me esconder que, o que me enviastes as duzentas libras, tomastes emprestado aos administradores do hospital.... Confesso, que fiquei tão surpreso disto como de coisas que tem acontecido há algum tempo. Se fostes gascão ou da Normandia, não acharia estranho, mas sendo da Picardia e uma pessoa a quem olho como um dos mais sinceros da Companhia, ter me escondido isto, como não poderia ficar surpreso...?” (Coste V, 198-199). Não se pode concluir, evidentemente, a partir destas linhas que o Padre Vicente dizia apenas a metade da verdade. Mas, os vinte e cinco anos morando no sudoeste me permitiram constatar que os Gascões têm uma maneira especial de compreensão da realidade e de discernir o essencial do relativo.

Existe em São Vicente muitas nuances que devemos aprender, e mesmo algumas, aparentes, contradições que podem surpreender aqueles que não são gascões. Quando ele falava, não duvidem que o tom de sua voz e suas mímicas, atenuavam muitas vezes o rigor do que ele dizia, ou especificava o conteúdo.

Às vezes, parecia divertir-se com as histórias que ele mesmo contava. Assim, no dia que escrevia para o Superior de Varsóvia: “*Mademoiselle Le Gras trouxe para a sala o pequeno cachorro que envia à Rainha. Ele gosta tanto de uma das Irmãs da Caridade, que não olha para as outras, qualquer que seja, e quando ela sai à porta, começa a reclamar sem descanso.*” É admirável quando utiliza todos os recursos para se expressar quando ele diz: “*Esta pequena criatura me fez muita confusão. Vendo seu afeto somente por aquela que o alimenta, e vendo-o pouco simpático ao seu soberano benfeitor, e tão desprezado de todas as outras coisas*” (Coste V, 360).

Às vezes, era quase uma comédia, quando, por exemplo, explicava às Filhas da Caridade que não se deveria fazer um drama de todas as tentações, mas que era necessário distinguir entre tentação e tentação: “*Minhas Filhas, às vezes existem tentações que acontecem, como a um bom Capuchinho que conheci. Sendo ainda noviço, durante o momento das Vésperas, como ele era um grande caçador, todas as suas caças tinham vindo-lhe à memória. Ele não fez outra coisa a não ser, pensar em cavalos, cachorros, pássaros, corria atrás de lebres. Enfim, passou toda às Vésperas dessa maneira. Quando voltou a si, ficou bem surpreso. Ele disse: Como tu queres ser um Capuchinho se tu acabaste de caçar?*”. Oh! Tu não estás apto para ser um Capuchinho! Deves voltar. Ele vai encontrar seu prior: “*Meu pai, deixe-me devolver o meu hábito: quero partir*”. Eh! O que está acontecendo, meu

*Irmão? Disse o abade. Oh! Meu pai, eu não sou digno de ser um Capuchinho; estou vindo das vésperas e durante toda o momento da oração, não fiz outra coisa senão caçar. Mas, como, meu irmão, tu estava caçando durante as Vésperas? Não estava no coro? Sim, meu Pai, mas não prestei atenção à nada que não fosse a caça. É por isso que vos peço que me tires o hábito, pois, não sou digno de ser um Capuchinho. Eh! Diga-me, meu Irmão, disse o abade, quando tu caçavas assim, que perseguias a lebre, tu gritavas: oh! A lebre! Oh! Lebre! Não meu pai, eu não dizia nada. Oh! Meu Irmão, isso não é nada e não te impedirá ser um Capuchinho. E permaneceu assim, vivendo muito tempo numa grande perfeição” (Coste XIII, 644-645).*

Como por coincidência o Irmão Bertrand DUCOURNAU, que nasceu em Amou (Landes), também gascão, é um dos secretários do Padre Vicente, introduz na conferência de 06 de dezembro de 1658 uma nota significativa: “*observou-se que quando ele dizia isto ele fazia alguns gestos e movimentos com a cabeça e com uma certa entonação de voz desdenhosa, para melhor expressar o que queria dizer e o que dizia*” (Coste XII, 93)

Com a preocupação de manter-se a generosidade, fidelidade e ordem nas Comunidades, após a morte de São Vicente, tivemos a incontestável tendência de endurecer seu pensamento, de absolutizar o que para ele era relativo, e de colocar sobre o mesmo plano do secundário e o essencial, e a tudo levar ao pé da letra. Ah! Se Bertrand Ducournau pudesse nos ensinar a ler São Vicente como adequadamente! De qualquer maneira, em nosso estudo vicentino, como em qualquer outro estudo vicentino, é sempre importante lembrar o lado simpático da pessoa de Vicente de Paulo...gascão

## **POBRE**

Vicente foi pobre, de uma família pobre. É importante lembrar disso, e para ter melhor consciência que será interessante, por exemplo, comparar a relação de Vicente de Paulo com os pobres, e a relação de Luísa com os pobres. Embora estas duas relações sejam animadas por uma maravilhosa caridade, devemos mesmo acrescentar que em muitas circunstâncias, Luísa parece ter visto mais rápido e mais claramente que Vicente, particularmente, no caso da fundação da Companhia.

Isto não impede que a relação de Vicente de Paulo com os pobres tenha tido a vantagem de ser natural, pois ele era do meio dos pobres. Existia a mentalidade e as preocupações, ele trazia a hierarquia dos valores e das urgências. Assim, não é suficiente afirmar que vocês foram fundadas para os pobres: é preciso acrescentar que foram fundadas por um pobre. Isto é essencial para bem compreender sua Comunidade e seu espírito. Visto que as primeiras gerações de Filhas da Caridade vieram, quase que exclusivamente, dos pobres e vocês sabem muito bem o quanto o seu Fundador frequentemente as lembrava.

O que digo aqui é importante. Atualmente, a pobreza na Companhia tornou-se um dever apostólico, uma virtude, um voto...Devemos lembrar-nos que no começo ela era uma situação normal, uma mentalidade normal, uma experiência social comumente vivida, uma série de reflexos espontâneos, uma visão do meio. Por exemplo, as primeiras Filhas da Caridade viviam “*em quartos alugados*”... *estavam vestidas como as camponesas*” (Coste XIII, 554), não para melhor inserir-se no meio ou um bairro, nem mesmo para serem pobres entre os pobres, mas simplesmente porque elas eram pobres e servas; porque tinham a mentalidade, os cálculos e os reflexos dos pobres, elas se situavam naturalmente nas condições de vida dos pobres. E Vicente de Paulo as encorajava a isto. Tudo isso era tão verdade que ele hesita antes de aceitar na Comunidade jovens com condições financeiras. Assim, existe uma espécie de continuidade, uma solidariedade natural entre os pobres e a Comunidade, situadas no mesmo nível da escala social

A Comunidade tinha, portanto, sido fundada por um pobre e principalmente com os pobres. Estas origens, este contexto social marcaram profundamente as estruturas e o espírito da Comunidade das Filhas da Caridade.

Homem do campo, gascão, pobre... tantos aspectos da personalidade de Vicente de Paulo que é preciso conhecer para abordar as riquezas e as nuances de sua Comunidade. Deve-se até mesmo, entrar e aprofundar ainda mais em seu carácter. Mencione aqui apenas dois aspectos particulares : sua sensibilidade e o que poderíamos chamar seu protagonismo, ou seu respeito pela experiência e o acontecimento.

## **SUA SENSIBILIDADE**

Eu a evoquei aqui por duas razões. Em primeiro lugar, porque é sempre um aspecto da personalidade de São Vicente que não se conhece muito, porque estamos sempre apressados, ainda e sempre, para destacar o

controle de si mesmo, sua prudência, sua mortificação, sua modéstia, etc. Em segundo lugar, porque este aspecto da personalidade de São Vicente, certamente, muito marcou o estilo de relações, que ele quis para suas Comunidades

Vocês sabem muito bem que não temos dois corações: um para a sensibilidade, afeto, e outro para a caridade sobrenatural...um para a família e os amigos e outro para os pobres! Temos apenas um coração, e se Vicente de Paulo amou os pobres com tanta ternura e tanta paixão, foi porque ele tinha como todo mundo, um coração humano capaz de amar e de apaixonar.

Sim, Vicente de Paulo era um homem sensível, de grande sensibilidade. Ele amava profundamente seus pais e sua família, ao ponto de que uma simples visita à sua região o deixou transtornado durante três meses: “...O dia que eu parti, senti tanta dor ao deixar meus pobres pais, que não fiz outra coisa senão chorar durante todo o caminho, derramando lágrimas quase sem parar. Com as lágrimas veio o desejo de ajudá-los e de colocá-los em melhores condições, em dar isto ou aquilo para tal ou tal pessoa. Meu espírito comove-se e partilha assim o que eu tinha e o que eu não tinha...Disse ao meu espírito confuso, disse porque talvez, Deus permitiu isso, para me fazer melhor compreender a importância do conselho evangélico de renúncia sobre o qual falamos. Foram três meses nesta paixão importuna de melhorar a situação dos meus irmãos e irmãs; este foi o peso contínuo do meu pobre espírito” (Coste XII, 219).

Este texto é de 2 de maio de 1659 (Padre Vicente tinha 78 anos) e é muitas vezes citado, sobre conselhos que ele dá no texto, a respeito do desapego da família. Antes de pensar sobre isto, é preciso considerar no relato dessa lembrança, a extrema sensibilidade que São Vicente manifesta, uma sensibilidade que podemos encontrar ao longo de sua correspondência e até nos últimos momentos de sua vida. Alguns textos nos farão melhor conhecê-lo.

Por volta de 1627 quando a Congregação da Missão estava ainda no início e que Luísa de Marillac ainda não tinha se definido sobre sua vocação, Vicente lhe escreveu: “*falemos sobre o nosso pequeno irmão Miguel (o filho de Luísa de Marillac). Certamente, minha querida filha, que isto me afeta: sou sensível aos seus sentimentos, e por aqueles que tendes por amor a ele. Pois, bem! Tudo será por um bem melhor. Que poderia dizer agora, daquele vos quer tanto bem em Nosso Senhor? (N.B.: trata-se do próprio Vicente). Parece-me que ele vai um pouco melhor, mas sempre com algum pequeno sentimento de seus calafrios...Pois, bem, já falei bastante a esta filha. Devo terminar dizendo-lhe que meu coração guardará uma terna lembrança do seu em Nosso Senhor e por Nosso Senhor somente*” (Coste I, 62-64).

Aproximadamente na mesma época e sempre à Luísa de Marillac, Vicente escrevia: “*É quase meia-noite e estou um tanto cansado. Perdoai a meu coração se, nesta carta, não se expanda um pouco mais*” (Documentos nº 7, pág.19). E, algum tempo depois “... Não saberei exprimir-vos o quanto meu coração deseja ardentemente ver o vosso para saber como se passaram as coisas...Quero porém mortificar-me, pelo amor de Deus, o único ao qual acredito que o vosso esteja entregue” (Documentos nº13, pág. 25).

Não foi diferente com os Missionários. Assim, em 22 de março de 1652, após receber uma carta do Padre Lambert aux Couteaux, respondeu-lhe: “*Recebi sua carta de 19 de fevereiro. Fiquei um pouco decepcionado ao abri-la, vendo apenas meia página escrita, porém este pouco não deixou de me consolar, ao me informar sobre a sua saúde e a de vossa pequena companhia*” (Coste IV, 340). E também, no dia 3 de maio, seguinte: “*Recebi sua carta de 1º de abril. Se estais satisfeito que nossa troca de correspondência continue a cada oito dias, posso assegurar-vos que não estou menos e para que o saibais darei dois exemplos: quando a quinta-feira se aproxima começo a ficar inquieto para receber as vossas, porque normalmente as recebo neste dia, e que fiquei muito decepcionado de não ter recebido através da última remessa*” (Coste IV, 376-377).

Ao jovem coirmão de 25 anos, Jean Martin, o Padre Vicente escreveu em 10 de maio de 1647: “*Não, não poso deixar de vos escrever, ainda que eu não tenha nenhuma novidade para lhe dar. Para o momento, aproveito para recomendar os cuidados de manutenção e do Padre Blatiron..*” (Coste III, 190).

Delicado e amigável com Luísa de Marillac assim como com Joana de Chantal, terno com seus coirmãos e seus amigos, eis o Vicente de Paulo tal como ele é: um homem sensível, capaz de afeto, de ternura e amizade. Descobri-lo assim, abre novos horizontes, horizontes verdadeiros sobre sua caridade maravilhosa pelos Pobres. Esta característica do Fundador marcou profundamente suas fundações. Ora, falamos muito em nossas comunidades sobre a modéstia, a prudência, o comportamento, as amizades particulares, o desapego da família, etc... e é bem verdade que Vicente falava disso. Mas, muitas vezes esquecemos, e ainda hoje pouco lembramos, por exemplo, sobre o que ele disse a respeito da cordialidade.

*“A cordialidade é o efeito da caridade que há no coração, e assim, duas almas em cujo coração o santo amor inspirou a mútua caridade, manifestam-na quando se encontram... Uma Irmã que estima a companheira, prova esse sentimento por palavras. A isto se chama a cordialidade que vem a ser um impulso do coração pelo qual damos a entender que estamos com muito gosto a seu lado... a cordialidade é uma alegria que se sente no coração quando vemos alguém a quem estimamos, e que o rosto traduz, porque não pode deixar de exprimir a consolação que o coração sente. Mostra-se também a cordialidade por meio de palavras ternas.... Chama-se a isto cordialidade, que é um efeito da caridade. Se a caridade fosse uma maçã, a cordialidade seria a cor! Há pessoas com uma certa cor rosada que lhes dá beleza e as torna agradáveis. Ora, se a maçã fosse a caridade, a cor seria a cordialidade.”* (Conf. de 2 de junho de 1658 pág. 771).

Vicente de Paulo era um homem muito sensível e assim permaneceu até a sua morte. É evidente que isto ajudou a moldar o estilo de relação e de vida de sua Comunidade. Aliás é sintomático que para falar das Comunidades locais, Padre Vicente empregasse muitas vezes o termo “família”, quando por exemplo, ele escrevia aos superiores, e pedia notícias... de sua “pequena família”!

### **SEU PRAGMATISMO ou ainda, SUA DISPONIBILIDADE**

Na concepção e na fundação de sua Comunidade, é evidente que não devemos representar Vicente de Paulo fechado em seu quarto, sentado diante de uma mesa, tendo à sua direita os últimos documentos do Concílio de Trento, e à sua esquerda as Constituições de algumas Ordens religiosas femininas, existentes na época, e compondo as regras que pretendia apresentar à Margarida Naseau, Bárbara Angiboust, Maria Joly ou outras Irmãs. Para o Padre Vicente tudo partia da vida, dos acontecimentos, da experiência de acordo com a fórmula que ele utilizou para fechar a carta de 5 de agosto de 1642 à Bernardo Codoing, superior em Roma: *“Essa é a minha fé, e esta é a minha experiência”* (Coste II, 282).

Com certeza, esta é uma frase-chave, ou seja, um princípio que nos permite entrar no mais secreto de sua personalidade e de suas fundações. Vicente de Paulo não era um teórico. Ele assemelhava-se mais aos profetas do Antigo Testamento que liam os acontecimentos e encontravam Deus e sua ação na História.

Deus fala e se manifesta nos acontecimentos. Ele se manifesta em Gannes-Folleville, em Châtillon-les-Dombes, no encontro com Luísa de Marillac, no encontro com Margarida Naseau. Vicente olha os acontecimentos, os contempla, analisa e responde.

É isto que tornará sempre muito difícil entrar numa fundação vicentina, entrar por exemplo na compreensão de sua Comunidade e no seu espírito a partir dos princípios, dos regulamentos e das estruturas, pois este não foi o caminho empreendido pelo fundador. Isto teria sido absolutamente contrário a sua psicologia, ao seu tipo de homem, de santo. As formulações, as estruturações, os regulamentos estiveram sempre nele, mas bem posteriores à experiência e à vida. Não que ele não tenha dado a devida importância; Deus sabe o quanto ele lembrava com frequência da regra. Mas, para ele, a vida, o acontecimento, a experiência eram sempre prioridades. Assim, escreveu ao Padre Portail, em 14 de fevereiro de 1648: *“Não tenho dúvidas que os senhores Administradores desejem se prevalecer em tudo. Quando voltarem a lhe falar sobre as regras do hospital, por favor, diga-lhes, como se fosse vós mesmo, que uma boa máxima que Deus utiliza para o estabelecimento das obras santas e novas, é de adiar, tanto quanto possam o regulamento que fazem, porque a experiência mostra que o que é viável no começo, às vezes, é prejudicial no progresso, ou sujeito a inconvenientes desagradáveis, e que por isso, algumas Comunidades fizeram suas Constituições apenas cem anos após, como os Cartuxos...”* (Coste III, 272).

Devemos escutar a vida, respeitar a vida, interpretar a vida. Ao acompanharmos a história de sua origem, veremos como São Vicente seguiu este princípio e como sua Comunidade, seu estilo, foram sugeridos através dos acontecimentos, sobretudo através dos apelos dos pobres. Assim constituída ao ritmo da experiência e do próprio centro dos acontecimentos, sua Comunidade adaptou-se naturalmente às necessidades dos pobres do seu tempo.

Aqui temos um aspecto sobre o homem, Vicente de Paulo. Um aspecto tratado de maneira muito rápida, infelizmente! Pois, gostaria de aprofundar mais. O que sabemos do Padre Vicente? No entanto, um conhecimento mais profundo de sua personalidade e seu percurso seria relevante, para que seus filhos e filhas se conhecessem melhor, se identificassem e se situassem mais exatamente no mundo e na Igreja de hoje. Estudar São Vicente não como um historiador que estudo o passado, mas como um filho ou uma filha que para identificar-se quer refletir

claramente a sua relação com o pai, uma relação onde não existe nada de alienante, mas ao contrário se revela profundamente libertadora.

## II. NASCIMENTO DE UMA COMUNIDADE

O rápido estudo sobre a personalidade de Vicente de Paulo já nos abriu alguns horizontes sobre a Companhia : o homem do campo, o gascão, o pobre, o homem sensível, atento aos acontecimentos...todas estas características foram herdadas por vocês. Sobretudo a última, como veremos, seguindo as etapas da fundação da Companhia. Tenho quase certeza que após caminharmos um pouco com Vicente de Paulo, de 1617 a 1633, vocês chegarão a mesma conclusão do próprio Vicente: “Pode na verdade dizer-se que foi Deus que fez a vossa Companhia. Ainda hoje pensei nisso e perguntava a mim mesmo: “Foste tu que pensaste em formar uma Companhia de meninas? Oh! Não. Foi então a Senhora Le Gras? Tão pouco. Posso na verdade dizer-vos que nunca pensei nisso. E quem teria a ideia de formar, na Igreja de Deus, uma Companhia de senhoras e meninas da Caridade, com hábito secular? Parecer-vos-ia impossível. Teria na verdade pensado nas das paróquias. Ainda vos posso dizer que era Deus e não eu” (Conferência de 22 de janeiro de 1645, pág. 141).

No entanto, encontramos muitas vezes, em tais acentos de sinceridade um exemplo de humildade! É terrível esta mania de tudo moralizar. Não é humildade, é a fé! É a evidência de ter encontrado a ação de Deus nos acontecimentos. Estes eventos ? Aqui estão... façam a sua conclusão.

### 1. CHATILLON-LES-DOBES (20 de agosto de 1617)

Foi daqui que sua Comunidade nasceu, com seu espírito, sua originalidade, sua ação e mesmo suas estruturas. Vocês verão como o acontecimento foi vivido intensamente por Vicente de Paulo, em sua rica personalidade. Antes do nascimento da Companhia, Châtillon foi uma etapa determinante no percurso pessoal de Vicente de Paulo, uma resposta e uma luz para sua alma angustiada.

Lembrem-se que de 1581 ao 1595 Vicente ainda estava na família. Em 1595 começou os estudos, orientados para o sacerdócio que era, na época, a única “carreira” acessível aos pobres. Para aqueles que duvidam, deve-se reler a carta de Vicente para sua mãe, em fevereiro de 1610. Seu objetivo está claramente expresso nesta carta: “obter uma honesta aposentadoria, a fim de empregar o resto dos meus dias junto a senhora” (Coste I, 18). Vicente tinha apenas 29 anos! Como Capelão da Corte da Rainha Margot, adquiriu uma abadia que acreditava muito rentável, mas eis que tudo se complica, as provações em todos os domínios se sucedem e se acumulam.

Primeiro, ele pensa tornar-se Oratoriano, depois torna-se pároco em Clichy e enfim, encontra-se preceptor na família dos Gondi. Conhece as tentações atroztes contra a fé que o mergulha na escuridão. É nestas circunstâncias que em 25 de janeiro de 1617 um evento lhe revela Deus: Gannes-Folleville. Pessoalmente, ele reage pouco. É Madame de Gondi que o impulsiona! Depois, progressivamente ele compreende e decide deixar a aposentadoria honesta, para unir-se a uma paróquia rural, onde terá contato cotidiano com os pobres da campanha, e se refugia em Châtillon-les-Dombes.

Três semanas já tinham se passado quando ocorre um segundo acontecimento provocado por uma família doente, isolada e abandonada. Desta vez Vicente reage rapidamente e por si mesmo. Desde 25 de janeiro e do sermão de Folleville, vem refletindo : agora, ele está preparado para ler e interpretar os acontecimentos.

Isto aconteceu em 20 de agosto de 1617. Três dias mais tarde (quem disse que Vicente era um homem lento ?), a primeira Confraria é fundada para responder ao apelo dos pobres. Uma confraria que exercerá a caridade em domicílio ; idéia revolucionária que dará nascimento a Companhia. Uma confraria com oito associadas que se doam a Deus para o serviço dos pobres, que é um outro elemento sobre o qual falaremos mais tarde. Uma confraria que assegurará seus serviços, corporal e espiritualmente; dois advérbios que serão características das Filhas da Caridade. Enfim, uma confraria de pessoas que encontrarão o próprio Jesus Cristo nos pobres, em conformidade com a afirmação evangélica de Mateus 25, 40: “*Todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes*”.

Todos estes pontos são essenciais para vocês, porque eles as definem, e já se encontram nos dois primeiros regulamentos de Châtillon: este de 23 de agosto de 1617 (Coste XIV, 125-126), e o de novembro de 1617 (Coste XIII, 423-439).

Assim, em 20 de agosto de 1617, Padre Vicente lendo o acontecimento que Deus lhe envia, encontra um sentido para a sua vida de padre. Terminam as angústias e a escuridão: servir os pobres e Jesus Cristo nos pobres, é isso que fará de sua vida.

Em 20 de agosto de 1617, não existe o mínimo pensamento sobre as Filhas da Caridade, e portanto, todo o essencial já está organizado. Nenhuma ideia preconcebida, nada de plano geral, mas simplesmente um evento lido e interpretado, uma resposta à uma questão feita por uma situação de pobreza, uma resposta a um chamado de Deus.

## **2. ENCONTRO COM LUÍSA DE MARILLAC.**

Nos últimos dias do ano de 1617, cedendo às chorosas insistências da Madame de Gondi, Padre Vicente volta para a casa dos Gondi. Porém, volta não mais como preceptor, mas como missionário. Começa a percorrer as aldeias, pregar missões e constituir Confrarias da Caridade. Por volta de 1624, uma dama lhe pede para ser seu diretor de consciência. Ela é um pouco complicada, está angustiada e centrada sobre seus problemas pessoais e familiares. Ela também, não pensa em Filhas da Caridade.

É interessante ler a maravilhosa troca de correspondência entre Luísa de Marillac, perdida em seus problemas, e seu inquieto diretor de consciência.

Nas respostas que lhe envia, Padre Vicente começa a falar dos problemas que ela enfrenta. Depois, pouco a pouco, ele lhe fala sobre as missões que realiza e dos seus encontros com os pobres. A partir de 1627, começa a lhe pedir para fazer pequenos serviços: cuidar de duas meninas pobres (Coste I, 38), costurar quatro camisas (Coste I, 32), depois doze camisas (Coste I, 39)... Progressivamente Luísa de Marillac começa a sair de si mesma para se interessar pelos pobres.

Em maio de 1629, sem que Vicente de Paulo, nem Luísa de Marillac suspeitassem, uma reviravolta decisiva acontece : Vicente pede à sua dirigida para fazer as visitas às Confrarias da Caridade difundidas sobre a terra dos Gondi. É a famosa carta branca, ou carta de envio : *“Ide, então, Mademoiselle, ide em nome de Nosso Senhor. Peça a sua divina bondade que lhe acompanhe, que seja a sua consolação no caminho, sua sombra contra o ardor do sol, o abrigo da chuva e do frio, cama macia em sua fadiga, sua força no trabalho e que, finalmente, a traga com perfeita saúde e cheia de boas obras”* (Coste I, 73-74).

Embora ele tenha lhe dito em meias palavras, no pensamento de Vicente, Luísa de Marillac torna-se a primeira responsável, a Visitadora das Confrarias: um passo importante para a fundação da Companhia das Filhas da Caridade.

## **3. A CONFRARIA DE SAINT-SAUVEUR (1629).**

Na província, as Confrarias se multiplicam rapidamente e caminham muito bem (cf. Coste XIII, 417-523). Depois, um novo passo interessante para a fundação da Companhia : Paris quer confrarias ! Uma primeira confraria foi fundada na paróquia Saint-Sauveur, uma segunda em Saint Nicolas de Chardonnet, paróquia de Luísa de Marillac onde ela foi eleita a presidente da Confraria. Foi então que os acontecimentos se precipitaram. Escutemos o Padre Vicente contando esta etapa parisiense:

*“As Senhoras de Saint-Sauveur tiveram a Confraria da Caridade na sua paróquia; elas mesmas serviam aos pobres. Levavam a panela, os remédios e tudo o mais. Como a maior parte era de condição, com marido e família, muitas vezes se aborreciam com essa panela, de forma que isso as fazia desanimar, e pensaram então em procurar algumas criadas para fazerem este serviço em seu lugar”* (Conferência de 25 de dezembro de 1648, pág. 299). Esta é a primeira alusão às Filhas da Caridade : *“algumas criadas para fazerem este serviço em seu lugar”*. Elas não vêm nem do Padre Vicente, nem de Luísa de Marillac, mas das damas de Saint-Sauver... *“aborrecidas com essa panela!”*

Constata-se claramente, que não havia nenhuma ideia preconcebida, nenhum planejamento, mas acontecimentos se encadeavam providencialmente desde Châtillon: a primeira Confraria, o encontro com Luísa de Marillac, a multiplicação das Confrarias, o envio de Luísa para visitá-las e ao final, uma reação de desânimo por parte das damas de Saint-Sauver nos conduzem ao ano de 1630.

#### IV – A INICIATIVA DE MARGARIDA NASEAU

A respeito de Margarida Naseau, o Padre Vicente se expressa assim : “*Essa boa menina, ouvindo falar deste projeto, mostrou desejo de se ocupar nesse emprego e foi recebida pelas senhoras*” (conferência de 25 de dezembro de 1648, pág. 299). A situação é esclarecida : “*as senhoras procuravam algumas criadas para fazerem este serviço em seu lugar*”. Este foi o primeiro momento. O segundo foi: “... e esta boa menina, deseja ocupar este emprego”.

Este testemunho o Padre Vicente nos diz que foi Margarida Naseau que teve a iniciativa. Ela escuta falar sobre o projeto das senhoras, e expressa o desejo de responder a este apelo.

Esta iniciativa é a peça fundamental da fundação: o acontecimento maior. Não é de estranhar que Padre Vicente tenha considerado Margarida Naseau como “*a primeira Filha da Caridade*” (Conf. de Julho de 1642, pág. 51), embora tenha morrido antes da fundação da Companhia.

As senhoras, apenas, pediam ajuda de algumas empregadas para servirem, e que sem dúvidas, seriam recompensadas por completar o trabalho. Vemos aqui o surgimento de uma vocação desinteressada, pois, lá onde se pensava apenas no exercício de uma profissão, Margarida Naseau impôs uma realidade mística de uma VOCAÇÃO. Graças a ela, o que poderia ter sido um enfraquecimento da Confraria torna-se um progresso considerável. Margarida é de fato uma serva, mas ela se apresenta como serva voluntária que se doa a Deus para o serviço dos pobres. Ela encarna o protótipo providencial da Filha da Caridade que progressivamente, conduzirá Vicente de Paulo e Luísa de Marillac à ideia de uma Comunidade específica

#### V - A INTUIÇÃO DE MADEMOISELLE LE GRAS

Para conhecer a sequência dos acontecimentos, basta compararmos três textos que se complementam e se esclarecem:

- Coste IX, 602: “*Sentia-se tão bem com esta pobre jovem que outras vieram apresentar-se e fizeram a mesma coisa*” (Conf. de 24 de Fevereiro de 1653, pág.395)

- Coste IX, 456: “*As senhoras das outras paróquias desejaram a mesma coisa e pediram-me para as arranjar se fosse possível*” (Conf. de 25 de Dezembro de 1648, pág. 299)

- Coste IX, 78-79: “*Para ali atraiu outras meninas a quem tinha ajudado a desprender-se de todas as vaidades e a entregar-se à piedade*” (Conf. de Julho de 1642, pág. 51).

Estes três testemunhos destacam o papel determinante de Margarida Naseau. As damas pediam outras servas, Margarida as atraía, elas se apresentavam, eram recebidas e colocadas em diferentes paróquias de Paris.

Durante este tempo Luísa de Marillac continuava suas visitas e rapidamente, decide pegar Margarida Naseau (acontecimento do qual não temos muito detalhes) para trabalhar com ela na Confraria de Saint-Nicolas-du-Chardonnet (Coste IX, 245). O tempo que elas passaram juntas na mesma paróquia, sem dúvida foi essencial para a continuidade dos acontecimentos. Viver com Margarida Naseau e vê-la servir os pobres, isto deve ter ajudado Luísa de Marillac a refletir, a projetar, a imaginar e talvez até a desejar.

Visitando as Confrarias, encontra aqui e ali algumas jovens da aldeia distribuídas nas Paróquias de Paris. Quem foi que disse primeiro: por que não nos reunirmos de vez em quando? Luísa de Marillac ou Margarida Naseau? Foi realmente assim, de uma ideia como esta que nasceu a Companhia das Filhas da Caridade.

O próprio Vicente descreve: “Uma caridade fundada em Saint-Nicolas-du-Chardonnet, depois em Saint-Benoît, onde havia boas jovens do campo, as quais Deus tanto abençoou que a partir desta época, começaram a se unir e reunir quase que imperceptivelmente”.

Observem as expressões:

- a partir desta época, ou seja a partir de 1630.

-elas começaram a se unir e reunir: existe aqui a evocação de uma iniciativa espontânea, correspondendo a um desejo bem natural...

- quase que imperceptivelmente : parece que mesmo o Padre Vicente não havia percebido, ou pelo menos no começo (Coste IX, 209).

Qualquer que seja, aqui está o primeiro índice da Comunidade referindo-se à história da Companhia: “elas começaram a reunir-se”... Sobre uma ideia lançada (por quem?), as jovens do campo, empregadas nas Confrarias parisienses, se encontravam ocasionalmente. Mas, onde? Provavelmente, na casa de Mademoiselle Le Gras.

Assim, sua Comunidade não é o resultado de um projeto. Ela brotou da espontaneidade da vida, porque tratava-se de algumas jovens com o mesmo compromisso e que experimentavam a necessidade de se encontrar para falar sobre isso.

O grupo reunia-se em torno da animadora. Luísa de Marillac aparece na verdade, como uma líder necessária deste gênero de experiência comunitária espontânea. Isto é tão verdade que em 1631, após várias reuniões deste tipo informal, Padre Vicente escreve à Luísa de Marillac: “*Quanto ao resto, peço-vos uma vez por todas, de não mais pensar sobre isso até que Nosso Senhor demonstre o que Ele quer... Busque tornar-se a serva destas pobres jovens, e Deus quer que vós sejais a delas...*” (Coste I, 113-114).

Texto significativo! A Visitadora das Confrarias sente-se cada vez mais atraída por este grupo de jovens que conserva o espírito de Châtillon, e o Padre Vicente parece entender logo. Ele está sem dúvida preocupado com a direção geral das Confrarias que se multiplicam por toda parte, e conta com Luísa de Marillac para esta direção. Mais, intuitiva, ela vê viver Margarida Naseau: ela partilha muitas vezes com estas jovens e permanece persuadida que é sobre elas que se encontra o futuro para os pobres... No entanto, ela continua a exercer seu papel de Visitadora das Confrarias, e continua suas viagens durante dois anos, mantendo sempre as reuniões... imperceptivelmente!

Em maio de 1633, o Padre Vicente escreve à Luísa de Marillac: “... quanto ao que se refere a nosso assunto especial, ainda não tenho o coração bastante esclarecido diante de Deus, no tocante a uma dificuldade que me impede de ver se é esse o desejo de sua divina Majestade” (Documentos nº99 pág. 112). Aproximamo-nos de uma solução, mas existe ainda um obstáculo.

Três meses mais tarde, outra carta: “*Estou achando que o vosso bom anjo fez o que me indicastes na carta que me escreveste. Há quatro ou cinco dias, comunicou-se com o meu, a respeito da Caridade de vossas filhas, pois, de fato, sugeriu-se sempre a lembrança delas e pensei seriamente, nessa boa obra. Falaremos sobre isso, na sexta ou sábado, se Deus quiser, e, se não me pedirdes que seja antes*” (Documento nº104, pág. 116)

Em 29 de novembro de 1633, Padre Vicente acredita que o momento chegou: Luisa de Marillac torna-se, finalmente, “a serva destas pobres jovens”

Que magnífica história de suas origens, de maneira bem espontânea. Não acreditam que a partir deste 29 de novembro de 1633 o ritmo vai mudar e que não vai mais se tratar de uma instituição religiosa onde tudo será previsto, dosado, calculado. Não era o estilo do Padre Vicente, nem o tipo de sua Comunidade. Para compreender, bastaria reler a conferência de 31 de julho de 1634 (Conf. I pág. I) ou o regulamento de 1645 (Documentos nº392 pág. 417). Padre Vicente permanece sempre na mesma linha e lógica das suas origens: Filhas da Caridade são servas e sobretudo, servas dos pobres. Portanto são eles que mandam e a Instituição permanecerá sempre ao seu serviço, vai adaptar-se aos seus apelos e às suas necessidades. Portanto, um estilo de vida, de moradia, de costume, que de acordo com o próprio Padre Vicente, eram inéditos e inconcebíveis na Igreja.

Mas, já é hora de concluir. Deveria falar da comunidade das Filhas da Caridade, de uma Instituição como um todo. Ora até aqui, falei somente do homem e de uma história. Será que me desviei do assunto? Acho que não. Começamos pelo próprio Vicente de Paulo e pelos acontecimentos nos permitiu entrar no assunto da maneira do Padre Vicente.

Antes de ser a origem de uma fundação, Châtillon foi a etapa determinante de uma vida, de um equilíbrio que foi construído num dom total aos pobres. No entanto, foi preciso, primeiro: dar a comunhão à um homem, encontrar-se e converter-se. Depois, houve uma maravilhosa sequência de acontecimentos: a Confraria de Châtillon, as Confrarias das terras dos Gondí, o aparecimento progressivo de Luísa de Marillac, a primeira Confraria parisiense, as dificuldades com as damas, a iniciativa de Margarida Naseau, seu exemplo contagioso, a intuição rápida e tenaz de Luísa de Marillac, os dois anos de reuniões informais, quase imperceptíveis, e finalmente o dia 29 de novembro de 1633.

A Companhia nasceu assim, não de projetos elaborados, de planos pré-concebidos, mas da vida, da personalidade e da caminhada do Padre Vicente, primeiro em (Châtillon e as Confrarias), a iniciativa de Margarida

Naseau, e a intuição de Luísa de Marillac: o que dá a Companhia três fundadores, sem que se possa dizer quem tenha atuado de maneira mais determinante. As Filhas da Caridade nasceram destas reuniões informais e espontâneas, nasceram das partilhas e trocas de experiência entre Margarida, Bárbara, e Maria Joly, independentemente de todas as estruturas e orientações. O que é certo e esclarecedor para compreender a Comunidade das Filhas da Caridade, é que os três fundadores encontraram-se por causa e em torno de um ponto comum: o serviço de Jesus Cristo na pessoa dos pobres. Este foi o **motivo** da fundação da Confraria, a partir de Châtillon; este foi o **motivo** do engajamento de Luísa de Marillac nas Confrarias, este foi o **motivo** da iniciativa de Margarida Naseau na paróquia de Saint-Sauveur

Vamos aprofundar estes pontos comuns, pois são eles que dão à Companhia sua natureza característica de **COMUNIDADE APOSTÓLICA**.

### III - UM AGRUPAMENTO APOSTÓLICO

Normalmente, para estudar a qualidade “**apostólica**” de um agrupamento ou para julgar o seu valor apostólico, atualmente, começa-se observando a sua inserção e a questionar-se sobre **onde** e **como**. Como este agrupamento se situa e até onde está inserido na Igreja, na única pastoral da Igreja ou de setor? Etc. É a primeira questão e o primeiro teste.

Depois, vem a segunda questão e o segundo teste. Como e até onde este agrupamento trabalha e vive com os outros, no único projeto pastoral? Muitas vezes, permanecemos aqui, então se pensa e declara que tal comunidade é apostólica, porque ela tem seu lugar na pastoral orgânica e porque, por exemplo, ela trabalha e vive autenticamente com os outros; com os militantes e, todos os elementos ativos de um setor. É assim que hoje, consideramos, sem dificuldades, uma comunidade que vive inserida nos meios sociais, como necessariamente apostólica, porque ela está envolvida nas reuniões de setores ou militantes... porque ela está mais ou menos em profunda harmonia com todos os outros. Então questiona-se esta qualidade de Comunidade apostólica, à uma comunidade que vive num hospital ou numa escola.

Em algumas apreciações existe muito de verdade, mas também, de opiniões falsas, de ilusão, e atualmente é preciso um pouco de coragem para fazê-la ou lembrar-se dela.

Evidentemente não se pode ser apostólico sem estar **na** Igreja. Somente a Igreja é apostólica, somente ela recebeu a missão de anunciar Jesus Cristo e, é unicamente na medida que estamos na Igreja, que participamos do seu carácter apostólico.

Não se pode ser ainda mais apostólico, sem estar **com** a Igreja, com os Bispos e todos os que estão engajados na Igreja local, ou num setor. Incontestavelmente, tudo isso está claro, e se alguém ainda assim duvida, basta reler os textos do Concílio Vaticano II. Mas, o que muitas vezes nos escapa, é que para ser autenticamente **na** e **com** a Igreja, as Filhas da Caridade devem ser primeiramente, elas mesmas, e serem elas mesmas juntas, a fim de constituir uma Comunidade /Comunhão; tudo isso, sem esquecer de ser ao mesmo tempo uma Comunidade/Para. Só então, é que merecerão ser verdadeiramente chamadas de “Grupo Apostólico”.

#### A. UMA COMUNIDADE “COMUNHÃO”.

Um breve histórico de suas origens nos mostra Vicente de Paulo passando da ideia de uma Comunidade entre nós para uma Comunidade para, mudando assim o centro da realidade Comunitária, do interior para o exterior. Parafraseando uma expressão que se tornou famosa, poderíamos dizer que para Vicente de Paulo, a comunidade não é feita de homens ou mulheres que se olham, mas de homens e mulheres que se reúnem, olhando para a mesma direção, para os pobres: “foi para isso, afirma São Vicente, que Deus vos instituiu e reuniu, e formou a vossa Companhia” (Conf. de 14 de junho de 1642, pág. 77). Mas, como essencial ele diz que: “se vos perguntar quem sois, se sois religiosas, dizei-lhe que não...Dizei-lhe que sois pobres Filhas da Caridade, que vos destes a Deus para o serviço dos pobres” (Instrução de 22 de outubro de 1650, pág. 350)

Tentaremos aprofundar esta característica essencial da Comunidade, nas Filhas da Caridade, mas antes reconhecendo que, muitos mal-entendidos e tensões poderão fazer surgir divergências mais graves, neste nível, porém, talvez seja aí que se situe o essencial.

Como fez Vicente, para compreender e vivenciar sua Comunidade, devemos caminhar do entre nós/Para. Deve-se passar da dicotomia (Comunidade de um lado...Atividade do outro !) para a unidade, ou seja, para uma Comunidade de serviço, na qual tudo foi concebido e realizado para este fim. Este é o fundamento profundo da qualidade apostólica de uma Comunidade de Filhas da Caridade.

Atualmente, fala-se, com frequência de uma crise de identidade, que para estar autenticamente **com**, é preciso tornar-se, ou ser **como**. Para um padre, por exemplo, ser como os homens em profundidade, significaria, tornar-se como eles (trabalho, casa, família, etc). Sei que as motivações são complexas e sutis, e recordo aqui somente uma tendência, bastante difundida para situar bem o problema. Da mesma forma, para uma Filha da Caridade, estar autenticamente com os militantes de um setor ou do quadro de funcionários de um hospital, exigiria que ela se tornasse, cada vez mais, como eles.

Assim, após um longo período onde os estados de vida, as escalas hierárquicas, os Institutos e as funções insistem sobre o que os diversificam e os distinguem, chegamos a um outro, onde num sentido inverso, tende a diminuir e a relativizar as diferenças, em vista do benefício da ação comum. Em nome de uma mesma pastoral para uns ou de um mesmo combate para outros, poderíamos facilmente compará-la aos bons e velhos tempos, unidade e uniformidade.

A uniformidade, quando é mal compreendida, o que muitas vezes aconteceu, significa ser **como**: com o mínimo possível de diferença, aproximando-se ao máximo da maneira de viver, de vestir-se, alimentar-se, de rezar, etc.

A unidade ao contrário, é SER A SI MESMA, e ESTAR COM. Evidentemente é muito mais difícil, mas profundamente mais rico

É com esta personalidade de Filhas da Caridade que é necessário entrar na pastoral da Igreja; é com os padres, os leigos, os militantes, os religiosos e todos os que estão engajados para a salvação do mundo e a libertação dos homens. Colaborar, é colocar tudo de si a serviço dos outros, a serviço dos pobres. Repito: tudo de si mesmo, sua personalidade, sua vocação, seu carisma.

O que eu disse a respeito das pessoas vale também para a Comunidade. Para ser apostólica, a comunidade de Filhas da Caridade deve estar com todos, e particularmente, com aqueles que se comprometem com os pobres. Deve estar na Igreja e em sua pastoral. Mas, para ser autenticamente **com** a Igreja e **na** Igreja, deve SER ELA MESMA, e SER, EM CONJUNTO.

Isto quer dizer que sua Comunidade é constituída pela comunhão consciente do que é essencial à sua vocação de Filhas da Caridade. Portanto, vamos retomar sob o ângulo comunitário o que acabamos de ressaltar no que se refere ao indivíduo. A comunidade é uma comunhão para uma mesma consagração, à uma mesma relação aos pobres, à uma mesma mística do serviço.

#### **L. COMUNHÃO PARA UMA MESMA CONSAGRAÇÃO.**

Repito: para uma mesma consagração. Pode acontecer que existam duas maneiras de se conceber e de viver a consagração nas Filhas da Caridade. Esta divergência fundamental pode ter graves repercussões, não somente em fraternidade, mas também na imagem que a Comunidade projeta de si mesma e na maneira como situa-se no mundo.

Consagração ou Serviço? É muitas vezes, assim, que se aborda o problema. Digamos, por exemplo, que é conveniente dar prioridade ao serviço. Às vezes, isto é visto como uma rejeição, ou pelo menos uma atenuação e um questionamento da consagração, dos votos, da espiritualidade, da oração... É, digamos com um certo exagero, fazer passar o ativismo diante da oração, o homem diante de Deus.

O que há nos escritos e na conduta de São Vicente ? Primeiro, é evidente que desde a época de Margarida Naseau, as Filhas da Caridade foram sempre totalmente doadas a Deus. Compreendamos bem: eu não disse que as Filhas da Caridade sempre pronunciaram os votos. Estes as fariam religiosas, e não são os votos que fazem as Filhas da Caridade.

Infelizmente, não temos muito tempo para insistir sobre esse ponto. Mas o que não pode ser ignorado, é que desde o começo, para ser Filha da Caridade, era preciso doar-se totalmente a Deus: *“pois ser Filha da Caridade é amar Nosso Senhor terna e constantemente”* (Conf. de 9 de Fevereiro de 1653, pág. 389). Sua

identidade insere-se, primeiro, nesta relação com Jesus Cristo. Sua Comunidade é antes de tudo, uma fé partilhada e uma doação total vivenciada em conjunto. Isto deve ser para aqueles que as rodeiam, testemunho e anúncio de Jesus Cristo. Podemos dizer que, na lógica de sua consagração e de sua vocação, as comunidades não deveriam de nenhuma maneira parecer um convento. Ao contrário, elas devem assemelhar-se a grupos de pessoas de fé, células de fé em Jesus Cristo. Aqueles que as rodeiam devem ver e saber que vocês são Filhas da Caridade por amor de Deus: *“Filha da Caridade, quer dizer, Filha de Deus”*.

Portanto, vocês podem constatar que a relação com Deus e o dom total a Jesus Cristo são essenciais à sua vocação, como fundamentos de sua Comunidade. É evidente que esta relação deve se aprofundar e se expressar na oração. Mas segundo São Vicente, a consagração da Filha da Caridade a Deus tem este particular, que ela é para o serviço dos pobres. E este **“para”** muda tudo, orienta e unifica tudo. É o traço de união entre consagração e serviço. Lembrem-se de sua identidade: *“pobres jovens, totalmente doadas a Deus para o serviço dos pobres”*.

São Vicente não diz : jovens que se doam a Deus e que servem os pobres... como se se tivesse feito a distinção entre a consagração e o serviço. Ele une os dois, pois em seu pensamento, e em sua vontade, trata-se de um mesmo impulso e um mesmo movimento. Certamente, é a Deus que se consagram, mas assim o fazem para servir os pobres. Trata-se de uma consagração orientada, finalizada, apostólica. Observem que tudo isso vocês vivem, mesmo sem a fórmula. Basta perguntar a uma Filha da Caridade se ela entrou na Comunidade por Deus ou pelos pobres... para deixá-la embaraçada, o que para mim é o sinal de que vocês estão sempre na linha da sua identidade.

No entanto, uma tentação ameaçou e ameaçará sempre sua Comunidade, é a de substituir inconscientemente o **“para”** pelo **“e”**. O **“para”** coloca deliberadamente o centro da Comunidade no exterior, no meio dos pobres, enquanto que o **“e”** faz da Comunidade uma realidade em si, um absoluto, um entre nós fora da vida apostólica.

Não estou fazendo um jogo de palavras. Trata-se aqui de duas visões totalmente diferentes uma da outra. Esta do **“E”**, se ela se impõe, não vai tardar em ameaçar a unidade das Filhas da Caridade. Na verdade, ela tende a fazer da Comunidade um lugar de recolhimento, cuidadosamente preservado, um outro mundo bem distinto e separado do lugar de serviço, separado, às vezes, a tal ponto que passando do serviço à Comunidade, sentimos uma espécie de desdobramento da personalidade que dá a impressão de se tornar religiosa.

No entanto, a Comunidade não pode ser vista como um lugar de consagração, enquanto que o serviço se encontra no exterior. Para vocês a Comunidade é o lugar da consagração **“para”** o serviço. O Serviço e os pobres devem permanecer no centro da Comunidade ; eles são a razão de ser da Comunidade: *“foi para isso, que Deus vos instituiu e reuniu, e formou a vossa Companhia”* (Conf. de 14 de junho de 1642, pág. 77).

Vocês estão reunidas, são uma Comunidade para o serviço dos pobres. Doadas totalmente a Deus e consagradas... mas **“para”**! Este é o primeiro fundamento da Comunidade das Filhas da Caridade. E quando digo : em comunhão para uma mesma consagração, isto quer dizer comunhão **“para”**, unanimidade sobre esta óptica tipicamente vicentina. Esta unanimidade deve evidentemente transparecer no estilo próprio de suas Comunidades: ela deve ser visível a todos e sobretudo, para os pobres. Eles devem perceber que a Comunidade não é uma fortaleza, um mundo secreto e inacessível, mas um lugar de encontro de suas servas. Não posso aqui entrar em detalhes, mas vocês sabem muito bem que o **“para”** com o qual vocês são caracterizadas, deve se manifestar e se expressar de inúmeras maneiras, em suas atitudes, reflexões, pensamentos, e mesmo no aspecto material, na disposição e na organização de suas instalações. Poderíamos aqui refletir sobre um acontecimento, aparentemente insignificante, lembrado no Conselho de 28 de junho de 1646, o primeiro da Companhia. Trata-se da instalação de um parlatório na Casa-Mãe! (Documentos n.411, pág. 457)

## 2. COMUNHÃO NUMA MESMA RELAÇÃO COM OS POBRES.

Toda Comunidade das Filhas da Caridade deve ainda caracterizar-se por uma mesma relação com os pobres. Quando o Padre Vicente fala sobre os pobres às Filhas da Caridade, três palavras aparecem regularmente em seu discurso, um adjetivo e dois advérbios: **todos, em qualquer lugar e verdadeiramente**. Ele quer falar de todos os pobres, em toda parte onde eles estão, mas, somente dos verdadeiramente pobres. Vamos aprofundar cada uma destas palavras e destacar o sentido que elas devem ter no serviço de suas Comunidades e até mesmo no seu estilo de vida.

## **Uma Comunidade em relação com TODOS os pobres.**

Vocês conhecem o texto de base que se encontra na Conferência de 29 de setembro de 1655: *“As Irmãs do “Hospital Geral” têm por fim trabalhar primeiramente na própria perfeição, e depois disto, assistir aos doentes, o que é de algum modo fazer o mesmo que vós. Mas não têm regras que as obriguem a assistir em geral a toda gente, isto é, a todos os pobres, e vós deveis, sem exceção nem de pessoa, nem de lugar, estar sempre prontas a praticar a caridade. Deus escolheu-vos para isso”* (pág. 357).

O texto está claro e São Vicente vai lembrar muitas vezes esta primeira característica de sua relação com os pobres. Uma Comunidade de Filhas da Caridade é uma Comunidade para todos os pobres, sem exceção. Este universalismo do olhar, da preocupação, do projeto e do acolhimento é essencial a toda Comunidade de Filhas da Caridade. Certamente, desde a época de Vicente de Paulo, cada Comunidade local teve sua própria imagem, sua especialização profissional ou pastoral (hospital, escola, dispensário, etc). Além do mais, as Comunidades são muitas vezes observadas pelo tipo de vida no qual elas estão inseridas, mundo do trabalho, mundo rural, bairros populares. Temos visto que as primeiras Filhas da Caridades estavam também inseridas em Saint-Sauveur ou em Saint Benoît quase que em tempo integral! Mas, bastaria uma especialização para prejudicar a universalidade do olhar e do acolhimento, para todos os pobres. Qualquer que seja, camponês, operário, excluído, deficiente, idoso, prisioneiros ou crianças...todo pobre deve sentir-se acolhido por uma Comunidade de Filhas da Caridade, qualquer que seja sua especialização.

A sociedade na qual vivemos é muitas vezes dura, intolerante e dividida. Sem ser neutra e isenta, uma Comunidade de Filhas da Caridade deve, no entanto, zelosamente guardar sua disponibilidade universal para todos os pobres: *“e vós deveis, sem exceção nem de pessoa, nem de lugar, estar sempre prontas a praticar a caridade. Deus escolheu-vos para isso”*. É neste universalismo que deverão se reconhecer *“Comunidades/Irmãs”* uma que é muito engajada no mundo do trabalho, *“e”* uma outra Comunidade de hospital ou de escola, por exemplo. Seja qual for o serviço, desde que se trate dos pobres e dos verdadeiramente pobres.

## **Uma Comunidade em relação aos pobres “POR TODA PARTE”.**

*“As da “Praça Real” têm por fim principal assistir às pobres mulheres doentes que recebem, então aos homens: e porque são estas as suas regras, julgam alcançar a sua salvação, observando-as. Mas vós, minhas queridas Irmãs, destes-vos, principalmente, a Deus para viver como boas cristãs, para serdes boas Filhas da Caridade, para trabalhar nas virtudes próprias do fim para que fostes criadas, para assistir aos pobres doentes, não numa única casa, como a do Hospital Geral, mas por toda parte, como fazia Nosso Senhor, que não fazia exceção, pois ajudava a todos os que recorriam a Ele”* (Conf. de 18 de outubro de 1655, pág. 545).

Por toda parte ! Neste adverbio, empregado com muita frequência pelo Padre Vicente, existe a ideia de movimento, eco da experiência de Châtillon e de uma caridade que vai à domicílio...Vocês nasceram desta caridade em movimento, que não espera que os pobres venham até elas, mas que vai até eles: são as servas que devem se deslocar.

Teríamos um estudo interessante para fazer, nos escritos de Vicente para as Filhas da Caridade, sobre um como este: a Filha da Caridade e os verbos IR e VIR! É curioso observar que quando Vicente imagina ou descreve uma Filha da Caridade na rua, carregando algo em seus ombros ou em seus braços: *“a Filha da Caridade está sempre no meio do mundo”* (Conf. de 6 de janeiro de 1658, pág.750). *“Seus ofícios a obrigam a estar a maior parte do tempo fora de casa...Ora, não há ninguém que ande tanto no meio do mundo como as Filhas da Caridade...”*(Conf. de 24 de agosto de 1659, pág.875 e 876). *“Elas vão e vêm...”* (Conf. de 23 de maio de 1655, pág.518).

Compreendam que sua vida sendo assim concebida, deve influenciar suas Comunidades : Comunidades criadas para o movimento, para incomodar, para os imprevistos e as urgências. Não uma Comunidade para se acomodar, mas uma Comunidade onde se possa partir para os pobres: uma base de partida, um trampolim, uma pista de voo do serviço. Pois mais do que outras, as Filhas da Caridade têm necessidade de um lugar para retomar as forças físicas, morais e espirituais. Percebam que se trata sobretudo, de uma mentalidade, de uma visão e mais ainda de uma espiritualidade, porém, de uma espiritualidade que deve ser traduzida num estilo de vida, numa hierarquia de valores e quase numa organização material. Uma Comunidade concebida para o movimento

## Uma Comunidade em relação com os VERDADEIRAMENTE pobres.

Estão lembradas da resposta da Irmã Margarida MOREAU à rainha da Polônia que queria conservá-la para o serviço no palácio? Ela disse: *“Ah! Senhora, que dizeis? Somos apenas três para servir os pobres, e vós tendes no vosso reino tantas outras pessoas muito mais capazes do que nós para servir vossa Majestade. Permitti-nos, Senhora, que façamos aqui o que Deus pede de nós, como fazíamos noutras partes. Deus nos chamou para os Pobres”* (Conf. de 2 de fevereiro de 1653, pág. 386)

Esta resposta, que deixou o Padre Vicente admirado, deve ainda hoje ser repetida pelas Filhas da Caridade em suas Comunidades: “Permitam-me Monsenhor, Vigário Episcopal, Pároco ou capelão de um setor...., de fazer aqui o que Deus pede que o façamos: “servir os pobres”.

Universalismo, falo de um universalismo numa exclusividade. Universalismo : todos os pobres. E Padre Vicente afirma: somente os **verdadeiramente pobres**. Sobre este critério é necessário que exista comunhão e unanimidade para que exista uma verdadeira Comunidade de Filhas da Caridade. Que tal Comunidade esteja engajada no mundo do trabalho, outra no mundo rural, outra num hospital e outra numa escola, isto não deveria enfraquecer a unidade. No tempo de São Vicente, desde as origens, existiu na Comunidade, um pluralismo amplo e diversificado nas opções. No entanto, as tensões e os desequilíbrios ameaçarão a unidade a partir do momento que se afastarem dos pobres. Esta predileção e esta exclusividade constituirão, na Companhia, um sinal natural de reconhecimento, e é assim que duas Filhas da Caridade se reconhecerão entre si, e será assim que o mundo as reconhecerá.

Certamente existem as exigências pastorais orgânicas, as urgências de setores, as prioridades ou substituições para assegurar, mas não se pode aceitar, mesmo que provisoriamente, negar-se a si mesma, nem deixar de lado o que é essencial a vocação.

O grande risco da inserção pastoral é o nivelamento. Isto quer dizer que num setor, cada um pode ser indiferentemente chamado a tal responsabilidade ou a tal engajamento, qualquer que seja seu carisma, em função somente de urgências e prioridades do setor ou da diocese. É então que será necessário às Comunidades a coragem de Margarida Moreau ou de Bárbara Angiboust : “Permita-nos que façamos aqui o que Deus nos pede!”

Esta coragem deve ser mantida em cada Comunidade numa revisão constante dos compromissos e das atividades de cada membro, numa atmosfera de lucidez e de sinceridade, que vai afastar a tentação de facilmente justificar o status quo! O pensamento e a preocupação com os verdadeiramente pobres devem ser uma obsessão comunitária, uma preocupação partilhada em conjunto e continuamente: sendo assim, se alcançará rapidamente a graça da conversão.

Acabamos de analisar a relação específica, identificadora e unificadora da Filha da Caridade aos pobres: **todos, por toda parte, verdadeiramente**. Mais do que através de costumes e estruturas é na comunhão destas convicções fundamentais que se constrói, que se situa e se desenvolve uma Comunidade de Filhas da Caridade “da maneira de São Vicente”.

### 3. COMUNHÃO À UMA MESMA MÍSTICA DE SERVIÇO.

É o terceiro nível de comunhão : uma mesma mística de serviço. Acredito que seja desnecessário enfatizar a insistência do Padre Vicente sobre esse ponto. Para ele a palavra “serva” era o sinônimo mais fiel e mais completo de uma Filha da Caridade. Margarida Naseau comprometeu-se como serva na Confraria de Saint-Sauver, com as condições de vida e de serviço, de todas as servas da época.

Foi o mesmo para todas aquelas que seguiram Margarida Naseau. As primeiras Filhas da Caridade eram autênticas servas e esta situação colocava-as naturalmente entre os pobres. Elas não tinham problemas de inserção social ou de um modo de presença entre os pobres: elas eram pobres.

Para o Padre Vicente, isto deu às Filhas da Caridade uma mística de serviço, que elas também devem realizar em profunda unidade em suas Comunidades.

Se procedermos como um estudo de sua relação específica com os pobres, podemos igualmente aprofundar esta mística do serviço, que nos conduz a três expressões correntes na boca de Vicente de Paulo “Na pessoa de...” “No entanto...” corporal e espiritualmente”. Cada um desses termos nos faz entrar no centro da nossa vocação.

## “Na pessoa de...”

“A Filha da Caridade serve Jesus Cristo na pessoa dos pobres”: desde Châtillon, a base do processo do Padre Vicente. Esta é a convicção que anima Margarida Naseau e é em torno desta convicção que se edifica a primeira Comunidade de Filhas da Caridade.

O acontecimento de Châtillon foi vivenciado e interpretado sob a luz de Mateus, 25,31ss. Este texto evangélico é a base da Comunidade, o que caracteriza seu espírito, sua espiritualidade: “uma Irmã poderá ir dez vezes por dia visitar os doentes e dez vezes por dia encontrará a Deus”. Vicente de Paulo estava tão convencido desta verdade que ousou afirmar que ao deixar a oração ou a missa para ir servir os pobres, nada se perde...isto para mostrar o quanto é real e verdadeira a presença de Jesus Cristo nos pobres.

A revisão de vida tornou-se como o auge da partilha comunitária, e seria interessante mostrar como, atualmente, ela une o que desejou São Vicente e, o que viveram as primeiras Comunidades de Filhas da Caridade. Infelizmente, e com muita frequência nossas partilhas tornam-se bastante superficiais. É verdade que aprendemos a olhar a realidade e isto não é um luxo: quais pobres encontrei? Qual é a situação familiar, profissional, social? Que valores eles vivem? Qual a razão de sua luta? Aprendemos também a olhar e acolher. Mas, nas Filhas da Caridade uma revisão de vida deve ser mais profunda, para alcançar a mística vicentina que deve animar a Comunidade. Será que eu soube encontrar Jesus Cristo neles? Como? É este nível de interrogação e de busca que deve unir profundamente todos os membros de uma Comunidade. Os compromissos podem ser diferentes entre uma assistente social, uma enfermeira, uma educadora, uma Irmã idosa que serve na portaria ou na cozinha, mas a busca e o encontro com Jesus Cristo, no pobre é comum a todas. É neste nível que a comunhão será possível e eficaz entre vocês.

Na expressão “na pessoa de”, encontra-se igualmente, enfatizada a dimensão pessoal do pobre. Não temos tempo para desenvolver este aspecto. No entanto, devo dizer que em nosso mundo, cada vez mais socializado, onde a justiça e a caridade assumem progressivamente, um aspecto administrativo, a Comunidade das Filhas da Caridade qualquer que seja seu engajamento, deverá lembrar-se sempre de suas origens. Foi por esta causa que em Saint-Sauver e nas Caridades parisienses, a caridade de Jesus Cristo tinha perdido o contato com a pessoa dos pobres. Foi aí que Margarida Naseau e suas companheiras se engajaram e a Companhia nasceu. Não se trata aqui de retomar os métodos pastorais e sociais do século XVII, nem mesmo os de 15 ou 20 anos. Mas, atualmente, a reivindicação primeira dos pobres (marginalizados, por exemplo) não é exatamente de serem reconhecidos como seres humanos? Não esqueçam que vocês devem estar entre os mais atenciosos, ao apelo dos pobres de hoje.

## “ NO ENTANTO...”

“*O serviço dos pobres deve ser sempre preferido a tudo o mais*” (conf. de 22 de janeiro de 1645, pág. 146). Esta é uma declaração tipicamente vicentina a propósito do serviço. Obviamente, este princípio deve ter também, profundas repercussões em suas Comunidades e em seu estilo de vida.

Em primeiro lugar é conveniente que na Comunidade, todas estejam de acordo com esta prioridade e comunguem da mesma hierarquia de valores, sob pena de tensões endêmicas e conflitos frequentes. Voltamos mais uma vez ao que já foi dito sobre a Consagração. Se numa Comunidade existem Filhas da Caridade que são consagradas a Deus “**e**” servas dos pobres, e outras que são consagradas a Deus mas “**para**” o serviço dos pobres, não vamos chegar a unanimidade sobre a hierarquia de valores. Um colocarão o serviço acima de tudo, enquanto outras colocarão antes, a regularidade ou os costumes. Um desejarão um modo de vida concebido em função dos pobres e do serviço, enquanto outras vão exigir um estilo mais religioso ou mais conventual.

Com certeza São Vicente não deixou passar nenhuma ocasião sem lembrar a observância da regra, e muitas vezes denunciou o capricho, o egoísmo e a independência. Mas, também é certo que para vocês, ele colocou em primeiro lugar na hierarquia dos valores, o serviço dos pobres, em função do qual ele criou e organizou suas Comunidades. Enquanto todas não aderirem a esta hierarquia de deveres, será muito difícil de chegar a uma verdadeira unidade e oferecer o rosto vicentino que fala aos pobres.

## “Corporal e espiritualmente”.

Estes dois advérbios designam o último nível de comunhão e unanimidade para as Filhas da Caridade, como também um último aspecto essencial de sua mística de serviço. É aqui ainda um eco de Châtillon ! Já encontramos estes advérbios na introdução do regulamento da Confraria, em novembro de 1617 (Coste XIII, 423).

Hoje, levantam-se muitas questões sobre o serviço e sobretudo sobre o serviço corporal. Evidentemente muitas coisas evoluíram, desde o tempo de São Vicente e é certo que, após séculos de beneficência, um pouco paternalista, as expressões “serviço, serviço corporal” foram afetadas com uma nuance pejorativa e anacrônica. Mas, o que é mais importante em São Vicente e permanece hoje, um dever para cada Comunidade de Filhas da Caridade é a síntese das duas preocupações: o corporal e o espiritual, ou para falar a linguagem de suas Constituições, a promoção humana e cristã dos pobres, de todos os pobres e do pobre como um todo.

Uma Filha da Caridade, qualquer que seja o seu engajamento, sua profissão e sua inserção social ou profissional, permanece uma operária do Evangelho, uma Filha da Igreja. Toda Comunidade de Filhas da Caridade deve ser uma célula de evangelização, o lugar onde se assume a promoção do pobre em sua totalidade, como uma pessoa humana e como um filho de Deus, preferido de Jesus Cristo. Na Comunidade, sem dúvida, existem aquelas que através do seu engajamento e sua óptica estarão mais preocupadas com a promoção humana e a luta pelos direitos humanos; outras, através da formação e de suas convicções, estarão mais preocupadas com a evangelização e a salvação. Mas, a implantação em sua totalidade deve ser o lugar onde, graças à partilha e a revisão, se revive a cada dia a síntese de Châtillon, uma síntese que é particularmente, necessária na Igreja de hoje.

É tempo de concluir. Para falar da Comunidade nas Filhas da Caridade, não partimos nem de estruturas, nem de princípios, mas de um homem: Vicente de Paulo, de sua pessoa, de sua caminhada e de suas origens. Assim, vimos uma Comunidade sair imperceptivelmente da vida e do serviço dos pobres e se constituir na vida e em função dos pobres e de lhes servir. Portanto, não é de se admirar que a Companhia seja assim voltada para o exterior e centrada nos pobres. Para as Filhas da Caridade, a Comunidade não se trata primeiro, entre nós, mas “reunidas PARA”. Para aprofundar um pouco este aspecto particular da comunidade, vamos nos referir a identidade que São Vicente lhes deu: “se vos perguntarem quem sois, se sois religiosas, dizei-lhe que não...Dizei-lhe que sois pobres Filhas da Caridade, que vos destes a Deus para o serviço dos pobres”.

Estudaremos agora o aspecto que “entre nós”, ou seja no que se refere às relações, as mudanças, partilhas no interior da Comunidade, tal como São Vicente as via, encontraremos coisas muito interessantes, e às vezes surpreendentes.

No entanto, eu não me arrependo por ter insistido tanto sobre a Comunidade considerada em sua relação com o serviço dos pobres e para os pobres. Afinal deve-se sempre partir do centro, e para vocês o centro se encontra na pessoa dos pobres, ou seja, em Jesus Cristo na pessoa dos pobres, pois “foi para isso, afirma São Vicente, que Deus vos instituiu e reuniu, e formou a vossa Companhia” (Conf. de 14 de junho de 1642, pág. 77)

## B. UMA COMUNIDADE “PARA”

Quando falamos de Comunidade, muito espontaneamente se pensa, primeiro, a uma realidade de costumes internos, mas tão internos que terminam num mistério...E tudo o que se passa atrás da porta “Comunidade”, também permanece fechado.

Existem os momentos de trabalhos com os outros... de vida “entre-nós”...existe os lugares reservados...mais ou menos acessíveis àqueles que não fazem parte do “nosso grupo”...Existem os procedimentos, as responsabilidades, as iniciativas, as relações, as reações da Filha da Caridade que trabalham fora...e aquelas da Irmã que trabalham na casa!

É assim que ao nos aproximarmos de uma Comunidade temos sempre a impressão de entrar num outro mundo, numa outra vida, porque a Comunidade é um mundo, que será composto, somente por Filhas da Caridade. A Comunidade: é entre nós!

Com certeza, o entre nós existe e deve existir. Vejam a família, a casa do operário... Temos a ocasião de falar.

Mas para o Padre Vicente, isto não vinha em primeiro lugar”. Além do mais, abordar a Comunidade por este lado, é inevitavelmente distorcer e nada compreender dela.

Para São Vicente, a Comunidade nunca é absoluta: ela é um meio, privilegiado e necessário, para um melhor serviço dos pobres. **Só** existe o “entre-nós” porque existem os pobres e seu serviço: “*Deveis pensar com frequência que a vossa ocupação principal e o que Deus vos pede, particularmente, é o grande cuidado em servir os pobres, que são os nossos senhores. Oh! Sim, minhas Irmãs, são os nossos senhores. É por essa razão que os deveis tratar com doçura e cordialidade, pensando que foi para isso que Deus vos instituiu e reuniu, e formou a vossa Companhia*” (Conf. de 14 de junho de 1642, pág. 77).

Não se pode ser mais claro. Vocês foram reunidas **para** servir os pobres. Aqui está a base vicentina do tipo de sua Comunidade, que deve se encontrar no seu espírito, suas reflexões, sua mentalidade, seu comportamento em Comunidade e até na organização material do seu estabelecimento.

Vamos tentar ver rapidamente as exigências e o estilo de uma Comunidade, assim como a maneira como vocês deveriam ser vistas e percebidas exteriormente, considerando este “**para**”.

Certamente, não se trata de transformar suas casas em asilos para os pobres, em centros de acolhimento ou qualquer espécie de casa popular. Não encontramos mais na vida de Vicente de Paulo este tipo de situação, exceto em momentos de grande angústia nacional. Acrescentamos que isto se realizava, sobretudo, nos Padres da Missão, e por isso as Filhas da Caridade ocupavam os quartos de aluguel e somente uma casa! Aliás, reconhecemos que no contexto social atual, tais iniciativas podem ser consideradas como equivocadas.

**1. Vossas Comunidades são lugares onde se encontram jovens totalmente doadas a Deus para o serviço dos pobres.**

Segundo Padre Vicente não poderia existir uma Filha da Caridade que não tenha se doado totalmente. Isto foi uma constante desde a época de Margarida Naseau.

**2. Vossa Comunidade é uma realidade de fé, visível porque viveu, sem ser, no entanto, um convento.**

Não porque deveríamos desprezar os conventos: não, eles são muito úteis, mas não são para vocês. Consagração? Sim. Consagração a Deus? Evidente que sim, mas consagração “**para**”. E se a consagração deve ser vivenciada e visível, o “**para**”, também deve ser vivenciado e visível.

Sempre houve a tendência a realizar uma espécie de dicotomia. O “**para**” é somente para as horas de serviço, ele será exterior à Comunidade, esta torna-se o lugar e o tempo da consagração, o “convento” concebido para a perfeição religiosa de seus membros.

Sob este ponto de vista, vocês nasceram de uma espécie de reação ao comportamento das Damas. Consequentemente toda Comunidade de Filhas da Caridade deve ser e parecer como um sinal de Fé em Jesus Cristo, como o sinal de um dom total a Jesus Cristo, no bairro onde ela está implantada. Isto supõe que a Comunidade seja um encontro de pessoas de fé, “de boas cristãs”, como dizia Vicente : realidade de fé e realidade visível, sem ser ostensiva nem zelota. “Filha da Caridade quer dizer, filha de Deus”.

Portanto, que não se diga que eu questionei a consagração, exceto se quisermos falar sobre consagração religiosa. Esta sim, poderia mudar tudo numa Comunidade de Filhas da Caridade e torná-la irreconhecível. Ela tenderia assim a fazer da Comunidade um lugar de acolhimento, zelosamente guardado, um mundo bem distinto e separado dos lugares de trabalho e da vida, onde poucas vezes evoca o serviço dos pobres. Noo exterior, por exemplo, a sala da Comunidade onde colocam as fotos do reverendíssimo Père e da reverendíssima Mère, e onde reinam uma ordem, um vazío impressionantes. Com certeza não se deve tirar conclusões apressadas sobre as aparências, e reconhecer simplesmente que ela é muito religiosa e um pouco conventual. Ora, esse contexto material pode influenciar sobre as mentalidades e as reflexões. Lembrem-se da história do parlatório !

Suas Comunidades são lugares de encontro, de jovens totalmente doadas a Deus **para**, e este **para** deveria ser o que se deve sentir, antes de tudo, quando se entra numa casa das Filhas da Caridade.

### **3. Suas Comunidades estão a serviço dos verdadeiramente pobres, elas devem ser Comunidade de um universalismo, numa exclusividade.**

*“As Irmãs do “Hospital Geral” têm por fim trabalhar primeiramente na própria perfeição, e depois disto, assistir aos doentes, o que é de algum modo fazer o mesmo que vós. Mas não têm regras que as obriguem a assistir em geral a toda gente, isto é, a todos os pobres, e vós deveis, sem exceção nem de pessoa, nem de lugar, estar sempre prontas a praticar a caridade. Deus escolheu-vos para isso”* (Conf. de 29 de setembro de 1655, pág. 537)

No tempo de Vicente de Paulo era evidente. Não se escolhia os pobres, servia-se a todos como eles eram: doentes em domicílio ou no hospital, crianças abandonadas ou idosos, soldados feridos ou galerianos, etc... E esta extraordinária polivalência encantava Vicente que a olhava como uma graça para a Companhia: *“...deveis estar prontas a ajudar os pobres por toda a parte onde vos enviarem”* (Conf. de 18 de outubro de 1655, pág. 546). E em nível local, desejava em toda parte Comunidades polivalentes.

As realidades sociais e pastorais com certeza mudaram e a especialização tornou-se uma necessidade, bem como a competência. Os meios de vida são classificados e se deve conhecer as leis de inserção e suas exigências nos bairros. Mas toda Comunidade de Filhas da Caridade deve sempre ser e parecer um sinal para os pobres, sejam eles deficientes, prisioneiros, migrantes, camponeses, operários, crianças ou idosos. É aí um ponto de revisão sobre o qual cada uma das Comunidades deve, de tempos em tempos, se interrogar sob pena de perder um aspecto essencial de seu rosto vicentino: universalismo do olhar e do coração.

Mas, universalismo numa exclusividade, é o que corresponde à experiência do Padre Vicente e à sua caminhada junto aos verdadeiramente pobres. Ele constantemente abordava o assunto para recordar o objetivo da obra: Numa carta à Irmã Margarida Moreau, ele lhe aconselhava de lembrar às damas: *“Permiti-nos, Senhora, que façamos aqui o que Deus pede de nós, como fazíamos noutras partes. Deus nos chamou para os Pobres”* (Conf. de 2 de fevereiro de 1653, pág. 386).

Existe em todo planejamento e em toda inserção pastoral, um risco de uniformização. O que uma Filha da Caridade deve considerar como primeiro: as urgências e as prioridades de uma diocese, de um setor, ou as exigências do carisma?

Profunda e difícil questão atual, mas felizmente bastante simples no que me concerne. Para a Igreja do Concílio Vaticano II: prioridade aos pobres. Portanto, seria um pouco contraditório que num tal contexto, uma Comunidade de Filhas da Caridade fosse organizada pastoralmente distante dos pobres! Ela poderia sempre retomar os termos, ou pelo menos a observação aconselhada pela Irmã Margarida Moreau: *“Deus nos chamou para servir os pobres”*.

### **4. Suas Comunidades devem ser, igualmente, Comunidades que são pontos de apoio. A originalidade da Filha da Caridade sobre a qual Vicente de Paulo talvez, mais tenha insistido foi a sua mobilidade.**

Ao sair do domicílio de Châtillon, vocês nasceram para o movimento: *“...quando forem pelas ruas, como também nas casas onde vão tratar os doentes...uma Filha da Caridade está sempre no meio do mundo”* (conf. de 6 de janeiro de 1658, pág. 749,750)... *“Considerarão que como os seus ofícios as obrigam a estar a maior parte do tempo fora de casa e no meio do mundo ...têm por isso necessidade de maior perfeição...”*(Conf. De 24 de agosto de 1659, pág. 875)... *“a vossa Companhia não é uma congregação religiosa, nem vossa casa um hospital de onde não se sai, mas uma associação de mulheres que vão e vêm, continuamente, para assistir aos pobres doentes”* (Documentos n. 712, pág. 930)...*“As Filhas da Caridade não são religiosas, mas Irmãs que vão e vêm como seculares...”* (Documentos n.783, pág. 1026). Alguns chegaram a chamar isto de o tema das ruas ou o cisma da Filha da Caridade.

Compreendam que com semelhantes conselhos pretendidos pelo Fundador, e com uma vocação tão viva, a Comunidade das Filhas da Caridade será outra coisa que um convento instalado ou um lugar para se refugiar! Ela será o lugar de retomar a famosa descrição: *“terão por mosteiro as casas dos doentes, por capela, a Igreja da Paróquia, por clausura as ruas da cidade ou as salas dos hospitais...”* Este é o seu convento e seu claustro.

Portanto, sua Comunidade deve ser concebida, muito mais como um ponto de apoio, uma escala no percurso do seu dia, entre duas saídas, como um lugar e tempo de estabilidade, de instalação, de residência. Sua

implantação deve ser uma colmeia, onde vocês entram e saem continuamente. Esta característica da Comunidade deve também influenciar sua mentalidade, seu ambiente, suas reflexões e até a organização e de suas instalações.

## **5. Comunidade guardando a prioridade.**

Um elemento essencial de unidade de uma Comunidade, é a unanimidade em torno de uma mesma hierarquia de valores, um acordo profundo sobre este ponto. É exatamente isto que lhe dá um rosto. Uma Comunidade contemplativa, por exemplo, dá prioridades ao louvor e a adoração, e isto deve ser visto, e sentido quando alguém se aproxima de uma comunidade deste tipo, pela percepção de uma certa qualidade de recolhimento, do silêncio, do comportamento e dos gestos litúrgicos.

No que se refere às Comunidades das Filhas da Caridade, São Vicente inúmeras vezes especificou : “*o serviço dos pobres deve ser sempre preferido a tudo o mais*” (conf. De 22 de janeiro de 1645, pág. 146). E para ser bem compreendido, muitas vezes, descrevia em detalhes, os exemplos que dava, para confrontar o dever da oração e do serviço, o preceito dominical e o serviço, a necessidade do retiro anual e o serviço. Ao fazer isto, incutia nas Comunidades a hierarquia dos valores, próprios das Filhas da Caridade; isto que deve absolutamente fazer a unanimidade no inteiro da Comunidade e lhe dar o rosto que será visto do lado externo.

A infelicidade e o risco nesta matéria, é sempre considerar como um questionamento ou como falta de fé, o fato de não colocar no primeiro plano os valores clássicos!

Portanto, dizer que o serviço está em “primeiro”, não quer dizer que a oração, a missa, a regularidade e o silêncio são acessórios, secundários ou facultativos. Uma Filha da Caridade pode e deve ser uma mulher de oração, afirmando que o serviço deve sempre ser preferido à oração. Esta escolha, esta hierarquia de valores, não é somente um princípio ou uma teoria. Isto deve ser sentido numa mentalidade e num ambiente de grupo, comprometer-se ao longo do dia por reflexos e manifestar em diversos aspectos da implantação. Talvez seja a este nível que se forma sobretudo o rosto apostólico de suas Comunidades

## **6. Uma Comunidade para evangelização.**

Este é também um ponto de insistência de São Vicente: o corporal e o espiritual. É a síntese de Gannes e de Châtillon. É uma aproximação dos pobres. Paulo VI e o Concílio Vaticano II chamaram a atenção sobre todos os homens e do homem como um todo. Vicente de Paulo desejou servir a todos os pobres e, o pobre como um todo.

No século XVII era uma apresentação bastante inédita e revolucionária. Vicente tinha consciência disso e destacou :

*“Deveis portanto levar aos doentes duas espécies de alimento: o corporal e o espiritual, isto é, dizer-lhes para sua instrução alguma palavra da vossa oração, ou seja cinco ou seis palavras para os levar a cumprir os deveres de cristãos e a praticar a paciência. Deus reservou isto para vós. As histórias eclesiásticas e profanas não contam que se tivesse jamais feito o que fazeis, excetuando Nosso Senhor; no que tendes grande motivo para vos humilhades”* (Conf. de 9 de fevereiro de 1653). E aliás: *“Não seria fazer bastante...por Deus e pelo próximo, dar apenas o alimento e os remédios aos pobres doentes, se não os ajudássemos, segundo os desígnios de Deus, como o serviço espiritual que lhes devemos. Quando servirdes os pobres deste modo, sereis verdadeiras Filhas da Caridade, isto é, Filhas de Deus, e imitareis Jesus Cristo”* (Conf. de 9 de Março de 1642 pág. 38).

Uma Comunidade que se orientava unicamente seja pela promoção ou pela evangelização, correria o risco de distorcer perigosamente seu rosto e de comprometer seu espírito e sua identidade. O que é importante e específico, é a maneira como se une a promoção e a evangelização no projeto, na preocupação e no engajamento. É lá que deve se situar o objeto de uma pesquisa e de uma revisão permanente: *“quando servirdes os pobres deste modo, sereis verdadeiras Filhas da Caridade”*

## **7. Uma Comunidade de servas.**

É desnecessário lembrar aqui os inúmeros textos sobre este ponto. “Serva” como já o vimos, era sinônimo de Filha da Caridade. Atualmente, a palavra perdeu muito do seu significado original e pode até ser ambíguo. No tempo de Vicente de Paulo, ele colocava a pessoa relacionada num lugar determinado na escala social e criava, entre elas e seus semelhantes, uma verdadeira solidariedade. Através da oposição da palavra “dama”, implicava uma relação estreita com o pobre. A serva não estava acima dos pobres, ela não sabia nem mais, nem

melhor que eles, apenas o que era necessário; não eram educadoras, nem benfeitoras. Ao contrário no que diz respeito aos pobres, a serva se encontrava de alguma maneira, num estado de dependência.

Também hoje, a Filha da Caridade não está COM os pobres, nem COMO os pobres. Ela é PARA os pobres, o que simplesmente significa dizer : para servi-los.

Em São Vicente, esta foi uma atitude ditada pelo Reino, e através da nova concepção de homem e do mundo, ensinada por Jesus na montanha, no sermão sobre as Bem-aventuranças (Coste XII, 464-465).

Padre Jean MORIN, cm